

Dissertação de Mestrado

A SINTAXE DE ADJETIVOS NAS POSIÇÕES PRÉ- E PÓS-NOMINAL

Cristina de Souza Prim

**Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em Linguística**

CRISTINA DE SOUZA PRIM

**A SINTAXE DE ADJETIVOS NAS POSIÇÕES PRÉ- E PÓS-
NOMINAL**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Cristina Figueiredo Silva

FLORIANÓPOLIS, FEVEREIRO DE 2010.

Ficha Catalográfica elaborada por
Fernanda de Sales – CRB/14 – 643

P952s

Prim, Cristina de Souza

A sintaxe de adjetivos nas posições pré- e pós-nominal /
Cristina de Souza Prim .__ 2010.

110 f.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Figueiredo Silva
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa
Catarina, Programa de Pós-Graduação em Linguística,
2010.

1. Adjetivos. 2. Posicionamento. 3. Hipóteses de
movimento. I. Título.

CDD: 469.8

Termo de Aprovação

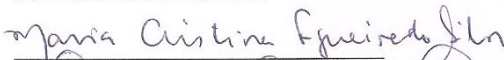
Cristina de Souza Prim

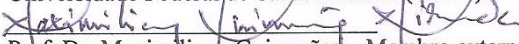
A SINTAXE DE ADJETIVOS NAS POSIÇÕES PRÉ- E PÓS-NOMINAL

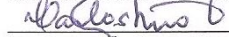
Coordenadora do Curso de Pós Graduação em Linguística
Profª. Drª. Rosângela Hammes Rodrigues


Dissertação defendida e aprovada no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina como parte dos requisitos para a obtenção do Grau de MESTRE em Linguística, pela comissão examinadora composta pelos professores:

Comissão examinadora:


Profª. Drª. Maria Cristina Figueiredo Silva - orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).


Prof. Dr. Maximiliano Guimarães – Membro externo
Universidade Federal do Paraná (UFPR)


Prof. Dr. Carlos Mioto – Membro interno
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).


Profª. Drª. Roberta Pires de Oliveira - Suplente
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Florianópolis, fevereiro de 2010.

AGRADECIMENTOS

A Deus, sobretudo.

À minha orientadora, prof^a. Maria Cristina, pelo profissionalismo, pelas horas em orientação, pelas leituras minuciosíssimas. Por apoiar na escolha do meu tema, ainda que não correspondesse às suas pesquisas acadêmicas. Pelas zilhões de perguntas respondidas, por me resgatar, quando era preciso, de minhas “cegueiras linguísticas”. Por sempre procurar me convencer de que “texto bom é texto reescrito”, por me incentivar quando era isso o que eu mais precisava, e por muito mais. Obrigada!

Ao professor Carlos Mioto, por ter elevado em muito meu interesse em linguística com suas aulas de sintaxe gerativa, me fazendo pensar muito em ilhas, regências, vinculações, árvores e mais árvores...

Aos professores Carlos Mioto e Maximiliano Guimarães, pela participação em banca de qualificação, pelas sugestões feitas e questões levantadas. Aos mesmos professores agradeço por participarem também da banca examinadora desta dissertação, bem como pelas sugestões feitas na ocasião.

Ao professor Maximiliano agradeço em especial pelas sugestões bibliográficas. Ainda que não apareçam todas aqui, dada a exiguidade de tempo, me ajudarão muito na continuação desta pesquisa e na composição de um futuro projeto de doutorado.

Aos meus pais e irmãos, pela força, carinho de sempre e compreensão. Por fazerem desta uma família muito harmonizada.

Ao Cristiano, pelo bom humor, pelo amor, pelo companheirismo, por sempre torcer comigo e me fazer bem de todas as formas.

À professora Tânia Regina de Oliveira Campos, pelos anos de iniciação científica, por confiar no meu trabalho e me ensinar muito sobre universidade.

Aos amigos de graduação e aos de mestrado, em especial Caroline, Gisele, Fernanda, Flávio, Lílian e Ana Lúcia, pelas parcerias de estudo, congressos, cafés...

Às amigas de fora da universidade, Luciana, Janaina, Mariana, Alice, Patrícia, por trazerem em sua companhia sempre o bom humor e a amizade.

A Capes, pelo apoio financeiro.

RESUMO

O português brasileiro apresenta certa flexibilidade na ordem dos adjetivos do sintagma nominal, mas essa flexibilidade não é absoluta. Este trabalho defende que há ordenação rígida dos elementos, e determiná-la permitirá, dentre outras coisas, esclarecer certas diferenças de comportamento sintático entre as posições.

Procuramos então em quatro estudiosos da teoria gerativa respostas para a pergunta principal que norteia este trabalho: quais propriedades sintáticas são exibidas pelo posicionamento dos adjetivos antes e após o nome?

Cinque (1993), em especial, mas também Crisma (1990, 1993, 1996) expõem razões para se postular que todos os adjetivos (APs) ocupam posições de especificador distintas. Para esses autores, as diferenças de posicionamento dos adjetivos que observam nas línguas humanas são fruto do movimento do nome para os diferentes núcleos das projeções que abrigam os adjetivos.

Visões diferentes destas, mas ainda defensoras da hipótese de movimento do núcleo nominal, são apresentadas por Bernstein (1993) e Menuzzi (1994). Para Bernstein (1993), adjetivos que se localizam superficialmente apenas na posição pré-nominal são núcleos, que tomam a projeção para a qual o nome se move como seu complemento. Já adjetivos que podem ser tanto pré-nominais quanto pós-nominais são adjetivos adjuntos, XPs portanto; a posição em que o adjetivo se encontrará superficialmente depende da posição para a qual o nome irá se adjungir após o movimento. Menuzzi (1994), seguindo Bernstein (1993), apresenta argumentos a favor desta hipótese baseando-se em fatos de concordância observados dentro do DP do português brasileiro.

Há, no entanto, inúmeros problemas que a hipótese de movimento de núcleo não é capaz de responder. Em um trabalho recente, Cinque (2007) defende a hipótese de movimento de constituintes, e o autor propõe ainda uma sistematização semântica e sintática para as posições que os adjetivos podem ocupar na estrutura nominal.

A sugestão de que adjetivos entram na estrutura de DPs de duas formas talvez seja o maior ponto defendido em Cinque (2007): adjetivos são originados ou como modificadores sintagmáticos diretos de núcleos funcionais da projeção estendida de N ou como predicados de relativas reduzidas, gerados acima da projeção funcional que apresenta o tipo anterior de adjetivos. Cada uma dessas formas está associada a

diferentes propriedades interpretativas e sintáticas. Essa hipótese será estendida aos dados do português brasileiro.

Palavras-chave: Adjetivos. Posicionamento. Hipóteses de movimento.

ABSTRACT

Brazilian Portuguese presents certain flexibility in the adjective order in noun phrases. However, that flexibility is not absolute. The present work claims that there is a rigid order of elements, and to determine this order allows among other things, the clarification of certain differences in syntactic behavior among positions.

So we looked at four scholars of the generative theory in order to answer to the main research question guiding this work, namely: which syntactic properties are displayed in adjective placement before and after the name?

Cinque (1993), in especial, but also Crisma (1990, 1993, 1996) show reasons to postulate that all adjectives (APs) occupy different specifier positions. In their view, differences in adjective placement observed in human languages are a consequence of name movement to the different heads of projections which keep adjectives.

Views differing from those – but still advocating the movement of the nominal head hypothesis – are those presented by Bernstein (1993) and Menuzzi (1994). To Bernstein (1993), adjectives placed superficially just in prenominal position are heads, which take the projection to which the name moves as its complement. Differently, the adjectives which may be either prenominal or postnominal are adjunct adjectives, therefore XPs; the position in which the adjective will be located superficially will depend upon the position to which the name will adjoin after the movement. Menuzzi (1994), following from Bernstein (1993), shows arguments supporting this hypothesis based on facts of concordance observed within the DP of Brazilian Portuguese.

There are, however, several issues the head movement hypothesis is incapable of solving. In recent study, Cinque (2007) advocates the constituent movement hypothesis and proposes a semantic and syntactic systematization for the positions the adjectives may occupy in the nominal structure.

The suggestion of adjectives entering in the DPs structure in two different forms is perhaps the greatest point claimed in Cinque (2007): adjectives are created either as phrase modifiers directly from functional heads of N's extended projection or as predicates of reduced relatives, generated above the functional projection that presents the previous type of adjectives. Each of these forms is associated with different interpretative and syntactic properties. This hypothesis will be extended to Brazilian Portuguese data.

Keywords: Adjectives. Position. Movement hypothesis.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 DADOS	13
2.1 O SINTAGMA NOMINAL NA VISÃO DE PERINI (2007)	13
2.2 ADJETIVOS EXCLUSIVAMENTE PRÉ-NOMINAIS	16
2.3 INVESTIGAÇÃO DA SEMÂNTICA DE ADJETIVOS AMBÍGUOS	19
3 A HIPÓTESE DE MOVIMENTO DE NÚCLEO	33
3.1 ADJETIVOS OCUPANDO POSIÇÕES DE ESPECIFICADORES	33
3.1.1 Cinque (1993)	33
3.1.2 Crisma (1990, 1993, 1996)	40
3.2 ADJETIVOS COMO AUXILIARES OU ADJUNTOS	49
3.2.1 Bernstein (1993)	49
3.2.2 Menuzzi (1994)	65
3.3 PROBLEMAS PARA A HIPÓTESE DE MOVIMENTO DE NÚCLEO	68
3.3.1 Incertezas para a teoria de que adjetivos ocupam posições de especificadores	70
3.3.2 Problemas para a teoria de que adjetivos podem ser auxiliares ou adjuntos	70

4 A HIPÓTESE DE MOVIMENTO DE CONSTITUINTES	74
4.1 CINQUE (2007)	74
4.1.1 Interpretação sistemática dos adjetivos de acordo com a posição ocupada no sintagma	75
4.1.2 As fontes dos adjetivos	85
4.2 ALGUNS PRÓS E CONTRAS DA HIPÓTESE DE MOVIMENTO DE CONSTITUINTES	96
4.3 COMPARANDO OS DADOS DO PB COM A HIPÓTESE APRESENTADA EM CINQUE (2007)	99
5 CONCLUSÕES	103
REFERÊNCIAS	105
ANEXOS	107

1 INTRODUÇÃO

Costumamos pensar, ao nos depararmos com sintagmas como em (1), que línguas como o português brasileiro (PB) apresentam certa flexibilidade na ordem dos elementos do sintagma nominal¹. O que é importante percebermos, a fim de reavaliarmos se há ou não tal flexibilidade, é que nem todos os adjetivos podem aparecer nas duas posições, caso em que são obrigatoriamente pré ou pós-nominais.

- (1) a. Um simples homem
- b. Um homem simples
- (2) a. Um mero homem
- b. *Um homem mero
- (3) a. *Um vermelho carro
- b. Um carro vermelho

Em (1), podemos ver que a diferença no posicionamento carrega alguma mudança de significado, em certos casos bastante sutil, e isto ocorre com frequência na língua. Se adjetivos nestes casos não querem dizer o mesmo em posição pré- ou pós-nominal, há, portanto, ordenação rígida dos elementos, e determiná-la auxiliará, dentre outras coisas, a esclarecer certas diferenças de comportamento sintático e semântico entre as posições.

A gramática tradicional (de agora em diante, GT), de forma geral, não aponta posições específicas para diferentes adjetivos, no sintagma nominal². Ao contrário, assume que há uma posição em que os adjetivos não são marcados e possuem “valor objetivo”, que é a posição pós-nominal. A sua colocação antes do nome indicaria uma opção estilística do falante, e de modo geral dá ao sintagma um “sentido subjetivo”, metafórico. Segundo Crisma (1990), algumas GTs afirmam que o sintagma nominal teria o mesmo significado caso o adjetivo pré-nominal fosse eliminado. No entanto, isto não é verdade. Pode ser estendida ao português uma observação que Crisma (1990) faz para o italiano: nem sempre o sentido metafórico está ligado à posição pré-nominal, como pode ser atestado em (4), e algumas vezes a função de um adjetivo pré-nominal é essencial para a identificação do referente do DP, como vemos no contraste em (5):

¹ Consideraremos neste trabalho que sintagmas nominais correspondem a DPs.

² Cunha e Cintra (2001), por exemplo, apontam apenas que adjetivos de forma, dimensão, cor e estado são pós-nominais. Além disso, nada muito consistente é apresentado.

- (4) a. Voz grossa
- b. Fala grossa
- (5) a. O provável vencedor da guerra
- b. O vencedor da guerra

Podemos acrescentar ainda que esta descrição tradicional não esclarece que a alteração da ordem desencadeia mudanças de significado pelo menos para alguns adjetivos, como podemos detectar no exemplo em (1).

A fim de dar conta da ordem básica das palavras no sintagma nominal, três hipóteses parecem disponíveis, segundo Bernstein (1993): a primeira alega que adjetivos são gerados na mesma posição que se pode observar nos dados efetivos da língua, ou seja, são gerados tanto antes quanto depois do nome. Esta hipótese praticamente exclui a possibilidade de generalizações mais abstratas. Outra possibilidade seria dizer que os adjetivos são gerados ou na posição pré-nominal ou na pós-nominal e então podem mover-se tanto para baixo quanto para cima do nome. Assumindo esta hipótese, perderíamos a aproximação tão rica que se faz entre sintagmas nominais e sua suposta contraparte no sintagma verbal. Adjetivos, segundo muitos estudiosos, seriam a contraparte nominal dos advérbios; advérbios, no entanto, não se movem. Movimento dos adjetivos, portanto, não parece ser a melhor hipótese. A terceira possibilidade assume que adjetivos são gerados no campo pré-nominal, e que é o nome que se movimenta por sobre os adjetivos, explicando assim a posição pós-nominal dos adjetivos. Esta hipótese é mais econômica que a segunda – visto que apenas o nome, e não todos os adjetivos, devem se mover – e permite que se façam generalizações quanto o posicionamento dos adjetivos, além de potencialmente abranger qualquer língua, o que é bastante interessante aos olhos da gramática gerativa. Baseados nesta última hipótese estão os trabalhos presentes no capítulo três desta dissertação: Bernstein (1993), Menuzzi (1994), Crisma (1990, 1993, 1996) e Cinque (1993).

Apoiados na teoria de movimento de núcleo nominal, iniciamos a pesquisa buscando responder a pergunta principal que norteia este trabalho: quais propriedades sintáticas são exibidas pelo posicionamento dos adjetivos antes e após o nome? Parece que há algo na sintaxe de algumas línguas como o português que favorece o campo pós-N, pois é neste campo que se encontram grande parte dos adjetivos do português, por exemplo. No entanto, o tipo de adjetivo mais interessante para se responder a pergunta acima deve ser os adjetivos que ocorrem nas duas

posições, pois são justamente as diferenças de comportamento que nos interessam.

É evidente, contudo, a impossibilidade de isolar a sintaxe de outros fatores atuantes no posicionamento dos adjetivos. Desconsiderar a semântica dos adjetivos, por exemplo, seria ignorar um dos principais fatores de diferenciação entre as posições pré- e pós-nominal. Cinque (2007), trilhando exatamente este caminho, inicia estudos tratando a semântica e a sintaxe dos adjetivos unificadamente, e observa que nem a teoria de movimento de núcleo nominal possibilita uma análise satisfatória dos fenômenos observados, nem nenhuma das outras duas teorias apresentadas anteriormente teria a possibilidade de construir uma análise suficientemente geral. Por este motivo, em Cinque (2007), encontramos a defesa de uma nova hipótese, a de movimento de constituintes.

O presente trabalho está dividido em cinco capítulos, incluindo um capítulo introdutório e um conclusivo. O capítulo 2, descritivo, trata dos dados do português brasileiro (doravante PB). O capítulo 3 apresenta a hipótese de movimento de núcleo, bem como suas vantagens e desvantagens para este estudo. O capítulo 4 traz a hipótese de movimento de constituintes e a aplicação desta teoria aos dados do português brasileiro, apresentados no capítulo 2. As conclusões encerram a dissertação, delimitando as questões que permanecerão em aberto para trabalho futuro.

2 DADOS

Este capítulo contém os dados que serão relevantes para esta pesquisa. Buscamos em Perini (2007) uma descrição da ordem dos elementos no sintagma nominal. Em seguida, listamos os adjetivos que ocorrem com exclusividade no campo pré-nominal. Isto foi possível visto que, diferentemente de adjetivos que podem ocorrer no campo pré- e pós-nominal ou ainda aqueles que só podem ocorrer no campo pós-nominal, os adjetivos exclusivamente pré-nominais formam uma classe fechada. Procuramos ainda, por último, elaborar um pequeno teste com adjetivos que ocorrem tanto antes quanto após o nome a fim de descobrirmos de que forma a semântica reage às mudanças de posição dos adjetivos.

2.1 O SINTAGMA NOMINAL NA VISÃO DE PERINI (2007)

Segundo Perini (2007, p.233-234), é possível identificar um certo número de classes de elementos dentro dos DPs no PB; essa classificação, que toma como ponto de partida a posição do núcleo N, apresenta o sintagma nominal como tendo uma ordem fixa, constituída por nove posições estritamente ordenadas: determinante, possessivo, reforço, quantificador, pré-núcleo externo, pré-núcleo interno, núcleo, modificador interno e modificador externo. “As funções no SN se definem pela posição dos termos em relação uns aos outros, e não por suas posições absolutas”. (2007, p.97) Qualquer mudança nesta ordem é analisada como mudança de função.

Os adjetivos ocorrem predominantemente nas classes de pré-núcleos e de modificadores. Essas classes possuem rótulos pouco familiares e merecem que aqui seja dada uma descrição mais detalhada delas. A classe do pré-núcleo interno³ (PNI) é fechada e os itens a ela pertencentes não são em grande número, possibilitando que façamos uma listagem: *bom, mau, novo, velho, claro, grande*. Já a do pré-núcleo externo (PNE) é aberta (a única da área esquerda do sintagma) e numerosa, e por isso podemos apenas exemplificar esta classe: *suposto, inesquecível, simples, bom*, etc. Todos os itens que são PNI podem ser também PNE, e boa parte dos itens pertencentes a PNE ocorrem nas classes dos modificadores. Mas se este é o caso, podemos nos perguntar

³ Perini não esclarece o que quer dizer “interno” e “externo” em sua classificação, mas aparentemente o significado está relacionado à distância em relação ao núcleo do sintagma.

se a separação não é descabida. No entanto, ela se justifica dado que as classes podem coocorrer, como os exemplos (6) e (7) mostram:

- (6) Velhos amigos velhos
- (7) Um suposto mau exemplo

Já as classes dos Modificadores Interno (ModI) e Externo (ModE) não possuem, ou não possuíam até a publicação da *Gramática Descritiva* de Perini, critérios satisfatórios para determiná-las, ou mesmo uma possível lista de itens, pois ambas constituem classes abertas e de itens com funções polivalentes, o que dificulta sua classificação. O exemplo que o autor apresenta está em (8), no qual *cardíaco* seria o ModI e *fulminante* o ModE. A ordenação dos modificadores é fixa; (9) mostra a impossibilidade de inverter a ordem dos modificadores, e isto constitui, para Perini, razão para se propor duas classes para estes:

- (8) Um ataque cardíaco fulminante⁴
- (9) *Um ataque fulminante cardíaco

São poucas as características apontadas por Perini que diferenciam essas classes. Uma delas é que ModE tem a possibilidade de se separar do SN por uma pausa, marcada na escrita por uma vírgula, equivalendo-se aparentemente a uma relativa explicativa.

- (10) Um ataque cardíaco, fulminante

Ao que parece, para Perini este modificador pode ocorrer mais de uma vez no sintagma. “É difícil definir com exatidão suas possibilidades de repetição (...) mas sintagmas como [o que segue] nos podem dizer alguma coisa.” (2007, p.106-107).

- (11) O livro de exercícios verde do Rogério

Há, como se pode ver, três modificadores após o núcleo. Se houver apenas, como propõe Perini, duas classes de modificadores após o núcleo, temos um caso de recursão de uma classe de modificadores aqui,

⁴ A partir deste ponto até o final da seção 2.1, todos os exemplos correspondem aos exemplos apresentados por Perini (2007).

e isto é ratificado pelo fato de podermos permutar a ordem dos constituintes de mesma classe:

- (12) a. O livro verde de exercícios do Rogério
b. O livro de exercícios verde do Rogério

Além das nove classes listadas acima, há ainda a classe chamada de numerador (Num), que tem sua posição variável, podendo aparecer entre as cinco primeiras funções, mas não entre os dois pré-núcleos, onde não pode ocorrer nenhum item. Esta classe também envolve adjetivos, como os numerais cardinais⁵, além de itens como *outros*. Trata-se de uma classe fechada, ainda que infinita (pois os números são infinitos). Esta classe é a única que, para Perini, pode ocorrer até duas vezes no mesmo sintagma, como vemos em (13). Uma observação que fazemos neste ponto é que, se o numerador pode ocorrer até duas vezes no mesmo sintagma, talvez seus elementos não constituam uma única classe.

- (13) Os meus outros dois sapatos

Em resumo, podemos dizer que o sintagma nominal, para Perini, obedece à seguinte ordenação (os exemplos podem ser conferidos no *template*, no anexo 1):

1ª determinante (Det): *o, este, esse, aquele, algum, nenhum, um.*

➤ Posição variável: numerador

2ª Possessivo (Poss): *meu, seu, nosso, etc.*

➤ Posição variável: numerador

3ª Reforço (Ref): *mesmo, próprio, certo.*

➤ Posição variável: numerador

4ª Quantificador (Qf): *pouco, vários⁶, diversos, único, muitos, terceiro...*

➤ Posição variável: numerador

5ª Pré-núcleo externo (PNE): *mero, meio, suposto, inesquecível, simples, bom, velho, novo...*

6ª Pré-núcleo interno (PNI): *bom, mau, novo, velho, claro, grande.*

7ª Núcleo (NSN)

8ª Modificador interno (ModI): *cardíaco, menino (no sintagma o imperador menino)...*

⁵ Os ordinais são considerados quantificadores por Perini.

⁶ Alguns itens foram citados no plural por serem relativamente raros no singular.

9ª Modificador externo (ModE): *fulminante...*

Reconhecemos em Perini (2007) uma tentativa de sistematização muito mais interessante que a da GT, mas ela não chega, de fato, a mostrar qual é a distribuição dos adjetivos. Além do mais, está ausente do trabalho de Perini qualquer explicação que traga razões para as diferenças de comportamento entre as classes, visto que as funções são determinadas pelas posições que ocupam um em relação ao outro. Se o mesmo item pode estar em duas classes, o funcionamento desses adjetivos fica ainda mais impreciso.

2.2 ADJETIVOS EXCLUSIVAMENTE PRÉ-NOMINAIS

Uma generalização que é possível fazer sem grandes riscos é que, em português, a posição usual do adjetivo é aquela que segue o nome. Camara Jr (In: UCHÔA, 2004), a propósito, exemplifica dizendo que foi baseado neste fato que Machado de Assis criou o jogo “autor defunto” (autor que morreu) e “defunto autor” (defunto que escreve).

A posição pós-nominal hospeda comumente adjetivos de cor, por exemplo, ou nacionalidade, além de alguns adjetivos formados por sufixação, como os terminados em *-ano* (craniano, Beethoveniano, corintiano...), *-ense* (cearense, botafoguense), etc. Alguns desses sufixos são muito produtivos, o que nos dá certa segurança para afirmarmos que não há um número limitado de adjetivos que ocorrem somente na posição pós-nominal.

Vimos que para Perini (2007) os adjetivos das classes PNI e PNE, pré-nominais, também ocorrem, em sua maioria, nas classes dos modificadores, pós-nominais, portanto. Uma questão que fica em aberto é: que adjetivos, pertencentes às classes de pré-núcleos interno e externo, não podem ocorrer também na classe dos modificadores, ou, dito de outra forma, quais adjetivos ocorrem exclusivamente no campo pré-nominal? Perini cita apenas *mero*, *pretensso*, *meio*, *suposto* e talvez *reles*, que segundo o autor, ocorre muito raramente como modificador.

As pesquisas de Negrão, Müller e Nunes-Pemberton (2002), que se utilizaram do *Corpus* mínimo do Projeto da Gramática do Português Falado para levantamento desses adjetivos, apontam que os seguintes adjetivos foram encontrados no *corpus* somente no campo pré-nominal: *último*, *diverso*, *excelente*, *verdadeiro*, *mau*, *suma*, *máxima*, *justas*, *respectivos*, *magnânime*, *inúmeras*, *sucessivo*, *ilustre*, *extrema*, *possível*, *senhora*, *vil*, *célebre*, *constante* e *relevante*. O resultado a que chegaram,

no entanto, não exauriu todas as possibilidades⁷, nem excluiu os adjetivos que não ocorreram em posição pós-nominal por mero acaso – mesmo porque não era esta a ideia das autoras. Fizemos esta exclusão, adicionamos dados provindos de Perini (2007) e da intuição de falantes nativos do PB consultados e chegamos ao seguinte quadro⁸.

ADJETIVO	EXEMPLO
Baita	Uma baita fila
Bastante ⁹	Bastante gente; os bastantes exemplos
Bel	Um bel viver
Big	Um big problema
Cardinais	Os três filhos de Maria; dois meninos
Ledo	Um ledο engano
Meio	Aquele meio limão; estava a meio caminho
Mero	Um mero detalhe
Mesmo	O mesmo problema anterior
Pretenso	Os pretensos candidatos
Primeiro, segundo, etc	O primeiro filho
Prisco	(As) Priscas eras
Puta	Uma puta festa
Reles	Uma reles observação
Senhor	Uma senhora bronca
Sumo	Suma importância; o sumo sacerdote
Suposto	O suposto atentado terrorista
Último	A última vez

Quadro 1: Adjetivos restritos à posição pré-nominal em PB, adaptado de Negrão, Müller e Nunes-Pemberton (2002) (em pesquisa no *corpus* mínimo da gramática do português falado) e Perini (2007).

⁷ Nem poderia exaurir; um corpus, finito, não tem sequer esta pretensão.

⁸ Há alguns outros adjetivos que ocorrem com muito mais frequência no campo pré-nominal do que no pós, como *futuro*.

- i. a. O futuro presidente
- b. As gerações futuras

Esses adjetivos também serão excluídos da tabela.

⁹ Este adjetivo, assim como o adjetivo *reles*, não é mais encontrado no campo pós-nominal (salvo quando modificado, no caso de *reles*: *uma piada muito reles*). Parece que a posição pós-nominal, no caso do adjetivo *reles*, ficou para seu suposto equivalente informal: *um homem relo*.

Uma boa maneira de isolarmos a classe de adjetivos que são apenas pré-nominais é através de um teste de predicção¹⁰, visto que estes adjetivos não toleram a posição predicativa.

- (14) * A dor de cotovelo foi baita.
- (15) Um exemplo é bastante (não significa o mesmo que “bastante exemplo”).
- (16) *O viver é bel.
- (17) ?Este problema é big.
- (18) ?Os filhos de Maria são três.
- (19) *Este engano é ledó.
- (20) *Aquele limão é meio.
- (21) *O homem é mero.
- (22) *O menino é mesmo.
- (23) *O candidato é pretenso.
- (24) *O jornal brasileiro da internet é primeiro.
- (25) *As eras são priscas.
- (26) *A festa está puta!
- (27) A observação é reles.
- (28) *Uma briga foi senhora.
- (29) *A pobreza é suma.
- (30) *O perfil de Suzane é suposto.
- (31) *O samurai é último.

É curioso observar neste teste que, apesar de os adjetivos *bastante* e *reles* não ocorrerem mais no campo pós-nominal, ainda aceitam a posição predicativa. *Big* também apresentou um comportamento inesperado, assim como os cardinais. No caso de *bastante*, devemos notar também sua interpretação nominal, possível na posição predicativa. *Reles* é pouco usado, e talvez não devemos tratá-lo como um problema porque se trata de um arcaísmo. E *big* é um adjetivo que vem de uma língua na qual ele é aceito em posição pré-nominal e em posição predicativa.

O fato de o exemplo (18) não ser agramatical pode ser um sinal de que os cardinais não são adjetivos, mas antes quantificadores, conforme nos fazem pensar Negrão, Müller e Nunes-Pemberton (2002). Da mesma forma que (a maioria dos) adjetivos pré-nominais, os cardinais podem seguir um determinante (cf. quadro 1) e não aceitam a

¹⁰ Agradeço esta sugestão de Carlos Miotto para isolar a classe dos adjetivos exclusivamente pré-nominais.

posição pós-nominal (cf. exemplo 32); mas não são inaceitáveis na posição de predicativos, e isto é esperado se o considerarmos um quantificador, que partilha essa mesma distribuição.

- (32) *Os filhos dois de Maria
(33) Os documentos necessários são dois.

Contudo, uma análise meticulosa pode nos mostrar que os cardinais não devem ser problema por uma razão mais simples: os exemplos (18), (33) e outros encontrados não envolvem orações predicativas, mas equativas.

Poderíamos somar a este grupo de adjetivos, se considerarmos que há homonímia, aqueles que possuem significados diferentes na posição pré- e pós-nominal (sem que haja ambiguidade em qualquer das posições), como ocorre com o adjetivo *pobre* no seguinte exemplo:

- (34) a. um pobre homem (um homem que inspira compaixão)
b. um homem pobre (um homem de pouca ou nenhuma posse)

O que nos interessa neste trabalho é a posição, e por isso não consideramos para esta lista homonímia ou ambiguidade lexical.

2.3 INVESTIGAÇÃO DA SEMÂNTICA DE ADJETIVOS AMBÍGUOS

Conforme já dissemos na introdução, há outras diferenças desencadeadas pelo posicionamento dos adjetivos que não são só sintáticas. Basta nos depararmos com exemplos como (1) ou como os que se seguem para vermos que a semântica também é sensível à posição em que se encontra o adjetivo dentro do DP:

- (35) Pedro é um novo físico.¹¹
(36) Pedro é um físico novo.

¹¹ Desta subseção, os exemplos (35) e (36) e (48) são de Borges Neto (1991); os exemplos (39), (40), (42), (49), e (52) foram criados com base em notícias de sites diversos; o exemplo (47) foi uma sugestão de Maria Cristina Figueiredo Silva; os demais exemplos desta subseção pertencem a Cinque (2007).

Em (35), intuitivamente podemos dizer que Pedro é físico há pouco tempo, e apenas esta interpretação é cabível, diferentemente de (36), que além desta interpretação admite aquela em que Pedro é um físico de pouca idade.

Isto, segundo a intuição de alguns falantes nativos consultados, não ocorre com todos os adjetivos, haja vista os exemplos (37) e (38), em que não sabemos claramente se há diferença semântica entre uma posição e outra, e os exemplos (39) e (40), nos quais não parece haver diferença alguma entre uma posição e outra:

- (37) Um audacioso pintor
- (38) Um pintor audacioso
- (39) O principal motivo da briga
- (40) O motivo principal da briga

Cinque (2007), conforme veremos no capítulo quatro, defende que a posição que o adjetivo ocupa está fortemente ligada à sua semântica. Resolvemos então testar alguns dos exemplos de Cinque (2007, cf. capítulo 4), traduzidos do italiano para o português, juntamente com outros exemplos, colhidos em notícias de *sites* diversos ou ainda levantados em discussões tidas em orientações (o teste pode ser conferido no anexo 2). Participaram da pesquisa vinte e duas pessoas, de ambos os sexos, todos universitários entre vinte e trinta anos. Alguns informantes optaram por não assinalar, na dúvida, nenhuma das interpretações em certos casos; por conta disso nem todas as sentenças alcançaram vinte e duas respostas. O resultado do teste pode ser visto a seguir, discutido sentença a sentença. Entre parênteses encontra-se o número de respostas que cada interpretação obteve¹². No final desta subseção, encontra-se um quadro que objetiva sistematizar os dados obtidos neste teste.

Nos exemplos (41a) e (41b) é clara a interpretação preferencial de cada posição:

- (41) a. As entediantes aulas de Ferri são recordadas por todos.
(18) ‘Todos se lembram das aulas de Ferri; todas elas eram entediantes’.

¹² Foram excluídas, a fim de facilitar a análise dos dados, as opções “outra interpretação” e “ambígua” quando nenhum informante assinalou esta opção ou quando a “outra interpretação” não ficou explícita.

(02) 'Todos se lembram apenas daquelas aulas do Ferri que eram entediantes'.

(01) ambígua

b. As aulas entediantes de Ferri são recordadas por todos.

(04) 'Todos se lembram das aulas de Ferri; todas elas eram entediantes'.

(15) 'Todos se lembram apenas daquelas aulas do Ferri que eram entediantes'.

(02) ambígua

Já no exemplo que se segue não notamos esta mesma consistência: ainda que (42a) repita o padrão de (41a), a sentença (42b) obteve um número similar de escolhas para cada uma das duas opções de interpretação (oito informantes marcaram a opção que seleciona todo o conjunto de comentários, nove marcaram a que seleciona apenas um subconjunto de comentários). Notamos ainda em (42b) a quantidade expressiva de informantes que observou ambiguidade.

(42) a. Seus brilhantes comentários têm auxiliado no rendimento das aulas.

(17) todos os comentários têm auxiliado, pois todos são brilhantes.

(03) dentre todos os comentários, apenas aqueles que são brilhantes têm auxiliado.

(01) ambígua

b. Seus comentários brilhantes têm auxiliado no rendimento das aulas.

(08) todos os comentários têm auxiliado, pois todos são brilhantes.

(09) dentre todos os comentários, apenas aqueles que são brilhantes têm auxiliado.

(04) ambígua

Em (43), os informantes foram quase unânimes opinando sobre a interpretação do adjetivo quando este se antepõe ao nome: vinte informantes (de um total de vinte e duas respostas nesta sentença) marcaram que “um bom atacante” é “um atacante que joga bem”, e apenas dois informantes se contrapuseram a isto. No campo pós-

nominal, a mesma interpretação se destacou como preferencial, embora com menor porcentagem nas avaliações.

- (43) a. Um bom atacante não faria uma coisa do gênero.
(20) 'Um atacante que joga bem nunca faria tal coisa'.
(01) 'Um atacante de bom coração nunca faria tal coisa'.
(01) ambígua
- b. Um atacante bom não faria coisa do gênero.
(13) 'Um atacante que joga bem nunca faria tal coisa'.
(06) 'Um atacante de bom coração nunca faria tal coisa'.
(03) ambígua

Em (44) e (45), como em (43), uma mesma interpretação se destaca como preferencial, independentemente da posição do adjetivo, ainda que sutilmente menos marcada na posição pós-nominal; aliás, em posição pós-nominal destaca-se o número elevado de ambiguidade observada pelos informantes. O exemplo (44) foi o único exemplo testado sem sentença. Uma possibilidade para ela seria: “Somente um audacioso pintor/ um pintor audacioso como Leonardo da Vinci poderia ter impressionado Ludovico por conhecimentos tão rebuscados”.

- (44) a. Um audacioso pintor
(14) um pintor que é audacioso como pintor
(04) um pintor que também é uma pessoa audaciosa
(02) ambígua
- b. Um pintor audacioso
(12) um pintor que é audacioso como pintor
(06) um pintor que também é uma pessoa audaciosa
(04) ambígua
- (45) a. Só tenho uma pequena foto de todos os meus filhos.
(06) diferentes pequenas fotos, uma de cada filho
(15) uma foto de todos juntos
- b. Só tenho uma foto pequena de todos os meus filhos.
(05) diferentes pequenas fotos, uma de cada filho
(14) uma foto de todos juntos
(03) ambígua

Nos exemplos (46) - (49), o que se destaca é que, da mesma forma que em “entediantes aulas” e “aulas entediantes” (cf. sentença em (41) acima), há uma interpretação preferencial para cada posição e esta interpretação não é a mesma nas duas posições. Em (46a), por exemplo, no qual o adjetivo ocupa a posição pré-nominal, a leitura preferencial é aquela na qual ser “altíssimo” é uma característica de todos os edifícios de Nova Iorque, diferentemente de (46b), no qual, na leitura preferencial, “altíssimo” restringe um grupo de edifícios de Nova Iorque.

- (46) a. Os altíssimos edifícios de Nova Iorque impressionam a todos.
(12) ‘Os edifícios de Nova Iorque, que são (objetos) muito altos, impressionam a todos’.
(06) ‘Os edifícios de Nova Iorque, que são muito altos tendo por parâmetro a altura média dos edifícios, impressionam a todos’
(02) ambígua
- b. Os edifícios altíssimos de Nova Iorque impressionam a todos.
(05) ‘Os edifícios de Nova Iorque, que são (objetos) muito altos, impressionam a todos’.
(13) ‘Os edifícios de Nova Iorque, que são muito altos tendo por parâmetro a altura média dos edifícios, impressionam a todos’
(02) outra: Só os edifícios de NY que são altíssimos impressionam
(02) ambígua
- (47) a. Os pequenos escorpiões do México são venenosos.
(12) os escorpiões lá são menores do que os escorpiões do resto do mundo, mas lá só tem escorpião desse tamanho.
(06) lá tem escorpiões grandes e pequenos e nós estamos falando só dos pequenos.
(03) outra: 1. Um tipo pequeno de escorpião, chamado escorpião do México.
(01) ambígua
- b. Os escorpiões pequenos do México são venenosos.
(03) os escorpiões lá são menores do que os escorpiões do resto do mundo, mas lá só tem escorpião desse tamanho.

(18) lá tem escorpiões grandes e pequenos e nós estamos falando só dos pequenos.

(48) a. Pedro é um físico novo.

(14) Pedro é um físico de pouca idade.

(01) Pedro é físico há pouco tempo.

(01) outra: o mais novo de um grupo

(05) ambígua

b. Pedro é um novo físico.

(01) Pedro é um físico de pouca idade.

(19) Pedro é físico há pouco tempo.

(02) outra: 1. o mais novo de um grupo

2. um físico renovado

(49) a. Qual a camisa da seleção brasileira mais bonita?

(09) ‘Dentre as camisas que a seleção tem hoje, qual a mais bonita?’

(05) ‘Dentre todas as camisas que a seleção já teve ou tem, qual a mais bonita?’

(04) outra:

1. Qual é a camisa que é usada pela seleção mais bonita (charmosa, etc...) de todas.

2. Dentre todas as seleções brasileiras (de vôlei, de futebol...), qual a que teve a camisa mais bonita?

(03) ambígua

b. Qual a mais bonita camisa da seleção brasileira?

(03) ‘Dentre as camisas que a seleção tem hoje, qual a mais bonita?’

(16) ‘Dentre todas as camisas que a seleção já teve ou tem, qual a mais bonita?’

(02) ambígua

Nos exemplos (50) – (52), observa-se que novamente os informantes preferencialmente atribuem a mesma interpretação tanto para o adjetivo em posição pré- quanto pós-nominal. Destaca-se ainda que em posição pós-nominal o número de avaliações como “ambígua” foi maior do que em posição pré-nominal.

(50) a. Quem escalou a mais alta montanha nevada?

(17) Quem escalou a montada mais alta coberta por neve? (isto é, Monte Everest)?

(04) Quem escalou a montanha encoberta por neve mais alta em relação a outras escaladas?

(01) ambígua

b. Quem escalou a montanha nevada mais alta?

(12) Quem escalou a montada mais alta coberta por neve? (isto é, Monte Everest)?

(07) Quem escalou a montanha encoberta por neve mais alta em relação a outras escaladas?

(01) outra: entre as montanhas nevadas, quem escalou a mais alta?

(02) ambígua

(51) a. Maria vive num desconhecido vilarejo do sul da França.

(14) Vive em um vilarejo que é desconhecido enquanto vilarejo.

(06) Vive em um vilarejo e o falante desconhece o nome ou a identidade do vilarejo.

b. Maria vive num vilarejo desconhecido do sul da França.

(14) Vive em um vilarejo que é desconhecido enquanto vilarejo.

(04) Vive em um vilarejo e o falante desconhece o nome ou a identidade do vilarejo.

(02) outra: o sul da França não conhece o vilarejo

(01) ambígua

(52) a. O Grande Colisor de Hadrons foi considerado o mais complexo experimento científico.

(13) ... mais complexo em relação a qualquer experimento.

(07) ... mais complexo em relação a outros experimentos científicos complexos.

(01) outra: mais complexo em relação a qualquer experimento que seja científico.

b. O Grande Colisor de Hadrons foi considerado o experimento científico mais complexo.

(12) ... mais complexo em relação a qualquer experimento.

(05) ... mais complexo em relação a outros experimentos científicos complexos.

- (02) outra: mais complexo em relação a qualquer experimento científico
(02) ambígua

Podemos, assim, separar estes adjetivos em dois grandes grupos: aqueles que, neste teste, obtiveram a mesma interpretação (preferencial) nas duas posições: *bom*, *audacioso*, *pequeno* (na mesma sentença de *só*), *mais alto*, *desconhecido* e *mais complexo*; e aqueles que obtiveram diferentes interpretações preferenciais: *entediante*, *brilhante*, *altíssimo*, *pequeno*, *novo* e *mais bonito*.

Quando o adjetivo está no plural, observa-se com maior facilidade se estamos falando de todo um conjunto ou de apenas subconjuntos. Por exemplo, o adjetivo *entediantes* está no plural no exemplo (41). Em posição pré-nominal, a interpretação preferencial é aquele em que nos referimos ao conjunto todo de aulas do Ferri, pois todas elas têm como característica ser entediante; já na pós-nominal, a preferencial é aquela em que nos referimos a um subconjunto de aulas do Ferri: as entediantes.

No entanto, quando falamos em conjunto todo, estamos também dizendo que há um subconjunto neste, mas que é idêntico ao conjunto todo; ou seja, o grupo das aulas entediantes do Ferri é igual ao grupo de aulas do Ferri. Esta é a interpretação preferencial de *entediante* quando este está na posição pré-nominal. Na pós-nominal, podemos dizer que aulas entediantes do Ferri \subset aulas do Ferri; isto é, o grupo de aulas entediantes do Ferri está contido, mas não é igual, ao grupo de aulas do Ferri.

Contudo, quando o adjetivo está no singular, precisamos observar se o adjetivo e o nome vêm acompanhados de determinante definido ou indefinido. Na semântica formal, tem-se defendido que o singular com determinante definido faz referência ao conjunto todo, ou seja, o determinante definido no singular funciona como um quantificador universal. É um problema então falarmos em subconjuntos, neste caso. Um exemplo é *o grande Colisor de Hadrons*; não há subconjuntos (mas em exemplos com alguns superlativos, como *a mais bonita camisa da seleção* e *a camisa da seleção mais bonita*, consideramos que há subconjuntos). Quando o determinante é indefinido, o problema se inverte, e a complexidade então é falarmos em conjunto. Um caso é com o adjetivo *bom*, por exemplo, em *um bom atacante* e *um atacante bom*. Podemos dizer que *um atacante bom*, ou *um bom atacante*, aquele que joga bem, é uma unidade representativa do conjunto dos atacantes que jogam bem, enquanto *atacante bom*, significando aquele que tem bom

coração, é a interseção do subconjunto dos A, os *bons*, com o subconjunto de N, *atacantes*, que jogam bem ou mal.

Podemos sistematizar através do quadro abaixo os resultados do teste que investigou a semântica de alguns adjetivos que podem ser tanto pré- quanto pós-nominais:

Adjetivo/posição *interpretação*

Entediantes

pré-N	= 18: todas (o conjunto todo)	18/21 = 85.7%
	= 2: só os A (subconjunto A)	2/21 = 9.5%
	1 ambígua	1/21 = 4.8%

pós-N	= 4: todas (o conjunto todo)	4/20 = 20%
	= 14: só as entediantes	14/20 = 70%
	2 ambíguas	2/20 = 10%

Brilhantes

pré-N	= 17: todos (o conjunto todo)	17/21 = 80.9%
	= 3: só os A (subconjunto A)	3/21 = 14.3%
	1 ambígua	1/21 = 4.8%

pós-N	= 8: todas (o conjunto todo)	8/21 = 38.1%
	= 9: só os A (subconjunto A)	9/21 = 42.9%
	4 ambíguas	4/21 = 19 %

Bom

pré-N	= 20: subconj. atacantes que jogam bem	20/22 = 90.9%
	= 1: subconj. A \cap subconj. N	1/22 = 4.5%
	1 ambígua	1/22 = 4.5%

pós-N	= 13: subconj. atacantes que jogam bem	13/22 = 59%
	= 6: subconj. $A \cap$ subconj. N	6/22 = 27.2%
	3 ambíguas	3/22 = 13.6%

Audacioso

pré-N	= 14: subconj. pintores que pintam audaciosamente	14/20 = 70%
	= 4: subconj. $A \cap$ subconj. N	4/20 = 20%
	2 ambíguas	2/20 = 10%

pós-N	= 12: subconj. pintores que pintam audaciosamente	12/20 = 60%
	= 6: subconj. $A \cap$ subconj. N	6/20 = 30%
	4 ambíguas	4/20 = 20%

Pequeno (+só)

pré-N	= 6: <i>só</i> com escopo sobre os subconj. “pequena foto” \cap “diferentes fotos”	6/21 = 28.5%
	= 15: um (o conjunto todo)	15/21 = 71.4%

pós-N	= 5: <i>só</i> com escopo sobre os subconj. “pequena foto” \cap “diferentes fotos”	5/22 = 22.7%
	= 14: um (o conjunto todo)	14/22 = 63.6%
	3 ambíguas	3/22 = 13.6%

Altíssimos

pré-N	= 12: todos (o conjunto todo)	12/20 = 60%
	= 6: só os A (subconjunto A)	6/20 = 30%
	2 ambíguas	2/20 = 10%

pós-N	= 5: todos (o conjunto todo)	5/20 = 25%
	= 13: só os A (subconjunto A)	13/20 = 65%
	2 ambíguas	2/20 = 10%

Pequenos

pré-N	= 12: todos (o conjunto todo)	12/19 = 63.1%
	= 6: só os A (subconjunto A)	6/19 = 31.5%
	1 ambígua	1/19 = 5.2%

pós-N	= 3: todos (o conjunto todo)	3/21 = 14.2%
	= 18: só os A (subconjunto A)	18/21 = 85.7%

Novo

pré-N	= 1: subconj. físicos \cap pessoas novas	1/20 = 5%
	= 19: subconj. recém-físicos	19/20 = 95%

pós-N	= 14: subconj. físicos \cap subconj. pessoas novas	14/20 = 70%
	= 1: subconj. recém-físicos	1/20 = 5%
	5 ambíguas	5/20 = 25%

Mais bonita

pré-N	= 3: subconj. camisas bonitas da seleção \cap camisas atuais da seleção	3/21 = 14.2%
	= 16: subconj. camisas que a seleção teve/ tem	6/21 = 76.1%
	2 ambíguas	2/21 = 9.5%

pós-N	= 9: subconj. camisas bonitas da seleção \cap camisas atuais da seleção	9/17 = 52.9%
	= 5: subconj. camisas que a seleção teve/ tem	5/17 = 29.4%
	3 ambíguas	3/17 = 17.6%

Mais alta

pré-N	= 17: subconj. altas montanhas nevadas	17/22 = 77.2%
	= 4: subconj. montanhas escaladas \cap montanhas altas encobertas por neve	4/22 = 18.1%
	1 ambígua	1/22 = 4.5%

pós-N	= 12: subconj. altas montanhas nevadas	12/21 = 57.1%
	= 7: subconj. montanhas escaladas \cap montanhas altas encobertas por neve	7/21 = 33.3%
	2 ambíguas	2/21 = 9.5%

Desconhecido

pré-N	= 14: subconj. vilarejos que o falante não conhece	14/20 = 70%
	= 6: vilarejo de nome/ identidade desconhecido(a) para o falante	6/20 = 30%

pós-N	= 14: subconj. vilarejos que o falante não conhece	14/19 = 73.6%
	= 4: vilarejo de nome/ identidade desconhecido(a) para o falante	4/19 = 21%
	1 ambígua	1/19 = 5.2%

Mais complexo

pré-N	= 13: subconj. experimentos	13/20 = 65%
	= 7: subconj. experimentos científicos \cap experimentos complexos	7/20 = 35%
<hr/>		
pós-N	= 12: subconj. experimentos	12/19 = 63.1%
	= 5: subconj. experimentos científicos \cap experimentos complexos	5/19 = 26.3%
	2 ambíguas	2/19 = 10.5%
<hr/>		

Quadro 2: Número absoluto e porcentagens de escolha entre interpretações fornecidas para as posições pré-N e pós-N

O que o quadro acima nos mostra é que em posição pré-nominal a interpretação preferencial é aquela em que há interpretação de conjunto todo, para DPs plurais ou DPs com definido singular, e de subconjuntos, para DPs com indefinido singular (não em todo caso, mas há uma boa sobreposição dessas duas categorias). Estas interpretações, além de preferenciais, são consistentes. Por outro lado, na posição pós-nominal a preferência já é mais difusa, pois ela pode ter a mesma interpretação que tem no campo pré-nominal ou pode ser outra em DPs plurais definidos ou indefinidos, nos quais a leitura é aquela de parte do conjunto. Além disso, no campo pós-nominal a ambiguidade é reconhecida em muitos casos.

Reconhecemos neste teste alguns problemas, como a falta de controle sobre algumas variáveis, falta de distratores e a quantidade pequena de sentenças analisadas. Esta pesquisa mais detalhada ficará para trabalhos futuros. Por ora, podemos dizer que o teste nos possibilitou a observações de propriedades simples que possam ocorrer em uma e em outra posição.

O que notamos, de modo geral, neste teste é que há mais clareza de qual é a interpretação preferencial na posição pré-nominal: observamos também que o número de informantes que acreditam haver ambiguidade na posição pós-nominal é maior do que na pré-nominal.

Este capítulo trouxe os dados que serão relevantes para esta pesquisa, especificamente para o propósito de avaliarmos as hipóteses que serão apresentadas nos dois próximos capítulos.

3 A HIPÓTESE DE MOVIMENTO DE NÚCLEO

Apresentaremos agora estudos que já trataram de algumas diferenças sintáticas entre os adjetivos em posição pré- e pós-nominal sob a luz da hipótese de movimento de núcleo. Duas formas diferentes de analisar a natureza dos adjetivos se destacam neste capítulo: de um lado, Crisma (1990, 1993, 1996) e Cinque (1993) defendem que adjetivos entram nos DPs como especificadores de projeções funcionais específicas e, assim, são sempre XPs; de outro, Bernstein (1993) e Menuzzi (1994) defendem que adjetivos podem ser auxiliares ou adjuntos, isto é, podem ser núcleos ou XPs. A seguir, encontram-se expostas cada uma dessas hipóteses.

3.1 ADJETIVOS OCUPANDO POSIÇÕES DE ESPECIFICADORES

Apresentam-se nesta subseção Cinque (1993) e Crisma (1990, 1993 e 1996). Cinque expõe razões para postular que adjetivos (APs) ocupam posições de especificador distintas. O autor apresenta evidências de que há movimento de núcleo em sintagmas nominais nas línguas românicas. Baseia-se, para isto, na distribuição de APs temáticos, atributivos e predicativos e, ainda, em regularidades na ordem relativa de adjetivos em diversas línguas. Crisma, por seu turno, apresenta uma análise que distribui os adjetivos do italiano em diferentes subcategorias, geradas em posições fixas dentro da estrutura X-barra na sintaxe dos DPs.

3.1.1 Cinque (1993)

O objetivo de Cinque (1993) é apresentar evidências de que há movimento de núcleo em sintagmas nominais nas línguas românicas e de que não há tal movimento nas línguas germânicas. Essa hipótese permite que afirmemos que ambos os grupos de línguas têm as mesmas posições de base para adjetivos, mesmo para os adjetivos atributivos, como veremos adiante, que nas línguas românicas podem aparecer tanto à esquerda quanto à direita do nome, e nas germânicas podem somente anteceder o nome. Cinque defende que a posição de base dos adjetivos atributivos em línguas românicas e germânicas é sempre à esquerda de N, e o que as diferencia é o movimento de N para um núcleo funcional somente nas línguas românicas.

- (53) a. Nas línguas românicas:
 [D..[AP Y [AP_{atr} N]]]
 ↖ ↗
- b. Nas línguas germânicas:
 [D..[AP Y [AP_{atr} N]]]
 ↖ ↗
 X

O autor apresenta alguns argumentos a favor da hipótese de movimento de núcleo. O primeiro argumento é baseado na distribuição de APs temáticos (isto é, que expressam papel temático externo de N, como *italiana*, no exemplo (54) abaixo). Estes APs só podem estar localizados superficialmente entre o núcleo do sintagma e seu complemento:

- (54) a. *A italiana invasão da Albânia.¹³
 b. A invasão italiana da Albânia.
 c. A invasão da Albânia italiana¹⁴.

(54b), no entanto, não reflete a suposta ordem de base, que é constituída por APs precedendo N. Pode-se, então, supor que ou N moveu-se para uma posição de núcleo mais alta, passando por sobre o AP, ou o complemento, que é o PP *da Albânia*, foi movido para a direita, passando sobre o AP gerado à direita. A escolha pela segunda hipótese não nos traria tantas vantagens quanto a primeira alternativa traz: teríamos que postular movimento de diversos elementos quando houvesse mais de um complemento no sintagma, e esta opção não aproxima grupos de línguas, como é o caso da primeira hipótese. Postulando movimento do núcleo nominal, podemos dizer que as línguas românicas e germânicas possuem a mesma estrutura profunda e utilizam-se das mesmas regras para governar a ordem das palavras do sintagma, a saber, a teoria temática e a X-barras. Esta proposta – de movimento de núcleo para a esquerda – também é favorecida por aproximar-se de várias propostas similares de movimento feitas para diversos grupos de línguas. (cf. CINQUE, 1993, p.87).

¹³ Todos os exemplos apresentados em Cinque (1993) são os mesmos apresentados pelo autor, embora traduzidos para o português, com exceção dos exemplos (73), (74) e (75), que são meus.

¹⁴ Apesar de não ser agramatical, essa sentença não pode ter a mesma interpretação que (54b) tem.

A posição núcleo para a qual o nome núcleo irá se mover deverá estar entre N e D, porque N pode se separar de D pela presença de outro material lexical, mas a presença mesma desse material impede N de continuar seu movimento para D:

- (55) A única grande invasão italiana à Albânia.
(56) *A invasão única grande italiana à Albânia.

Outro argumento para a hipótese de movimento de núcleo é fundamentado na distribuição de APs atributivos, que, como já dissemos acima, podem ocorrer tanto antes quanto depois do nome nas línguas românicas, enquanto nas línguas germânicas são obrigatoriamente pré-nominais. Cinque defende que, em ambos os grupos de línguas, AP_{atributivo} precede o nome, mas nas línguas românicas N pode mover-se para uma posição mais alta que a desse AP, como vimos em (53). Este movimento traz consigo mudanças semânticas para o sintagma nas línguas românicas: quando o AP se localiza após o nome (cf. 57), ele tem interpretação de modo; mas se está precedendo (cf. 58), sua interpretação pode ser orientada para o sujeito ou de modo¹⁵; e, por fim, como vemos em (59), a ordem [*N Compl AP] não é permitida.

- (57) A agressão brutal deles à Albânia. (= o modo de agressão foi brutal)
(58) A brutal agressão deles à Albânia. (= foi brutal da parte deles atacar a Albânia)
(59) *A agressão deles à Albânia brutal.

Esta posição dos adjetivos de modo é partilhada com os APs_{temáticos}, ou seja, esses dois tipos de adjetivos competem pela mesma posição. Em relação às demais posições: a) sequências de APs orientados para o sujeito seguidos por APs temáticos ou de modo são impossíveis entre N e seu complemento, porque em posição pós-nominal não há leitura orientada para o falante ou para o sujeito; e b) os APs atributivos orientados para o sujeito (portanto precedendo o N) podem ser antecidos por APs orientados para o falante. Pode-se dizer, portanto, que a estrutura do sintagma nominal incluirá a seguinte ordem de APs:

- (60) [AP_{orientado para o falante} [AP_{orientado para o sujeito} [AP_{modo/ temáticos} [N]]]]

¹⁵ Retomaremos em detalhes esta classificação em Crisma (cf.3.1.2).

Nas línguas germânicas, esta é a ordem que encontramos superficialmente, e nas línguas românicas N pode mover-se para uma posição mais alta, passando sobre AP_{modo/temático}. Isto nos possibilita dizer que as posições de base são as mesmas e, por isso, esta ordenação é argumento para o movimento de núcleo.

O terceiro argumento é estabelecido através de análise de APs_{predicativos} nas línguas românicas e germânicas. Vimos acima que a ordem [*N Compl AP] é inaceitável quando o AP é atributivo. Mas os seguintes exemplos mostram que ela se torna aceitável com quebra de entonação entre o complemento e o AP, ou quando os APs estão coordenados ou modificados por especificador ou complementos:

- (61) A agressão deles à Albânia, BRUTAL.
- (62) A agressão deles à Albânia, improvisada e brutal.
- (63) A agressão deles à Albânia, muito pouco brutal.
- (64) A agressão deles à Albânia, brutal em seus efeitos.

Esses casos envolvem APs_{predicativos}, que nas línguas românicas e germânicas aparecem após N e seu complemento. São considerados APs_{predicativos} somente aqueles que podem ocorrer em posição pós-copular; outros adjetivos, que não podem ocorrer na posição pós-copular, não ocorrem tampouco na construção [N Compl AP].

- (65) *Este motivo é principal.
- (66) *Este é o motivo de sua partida, PRINCIPAL.

Nas línguas românicas, encontramos uma situação paralela. APs do inglês, por exemplo, aparecem normalmente a esquerda de N, mas esses adjetivos também podem ser encontrados após N quando coordenados ou modificados.

- (67) a. *A man proud
/um homem orgulhoso/
b. A man bruised and battered
/ um homem ferido e espancado/
c. A man proud of his son
/um homem orgulhoso de seu filho/

A posição a direita é uma posição predicativa nas línguas germânicas, e isso é confirmado pelo fato que nenhum AP pode ocorrer lá que não

possa também ocorrer em posição pós-copular, exatamente como nas línguas românicas, o que mostra mais uma vez que as posições de base para adjetivos das línguas românicas e germânicas devem ser as mesmas.

- (68) *The indignity was utter.
/a humilhação foi absoluta/
(69) *The indignity, utter and simple.
/a humilhação, absoluta e simples/

Há uma discussão na literatura, como mencionado no início deste capítulo, a respeito do tipo de posição em que são gerados os APs. Há duas hipóteses: ou são gerados como projeções funcionais independentes ou em adjunção. Cinque (1993) defende que há muitas razões que o fazem preferir apostar em posições de especificador distintas, mesmo que isso acarrete a presença de um grande número de projeções entre D e NP. A primeira razão é que existem serializações de diferentes classes de APs, como vemos em (70) para nominais eventivos e em (71) para sintagmas nominais nucleados por nomes denotando um objeto real.

- (70) Possessivo > cardinal > ordinal > orientados para o falante > orientados para o sujeito > modo > temáticos:
As suas duas outras prováveis grosseiras reações imediatas à tua carta.
(71) Possessivo > cardinal > ordinal > qualidade > tamanho > forma > cor > nacionalidade:
Os seus dois outros bem grandes quadros arredondados cinzas franceses.

Vemos também que o número de APs conectados é limitado a no máximo seis ou sete. A hipótese de engendramento de adjetivos nos especificadores das projeções funcionais também ganha neste ponto, ao justificar a existência de um número máximo de adjetivos pelo limite de projeções existentes. Esta teoria ainda leva mais uma vantagem: dispensa a estipulação de APs atributivos estarem à esquerda do núcleo na posição de base, ao contrário da teoria de adjunção. Essas e outras motivações fazem com que Cinque defenda que APs são gerados no especificador de projeções máximas. Se estas considerações estão

corretas, precisamos de uma estrutura bastante articulada, como a seguinte, extraída de Cinque (1993, p. 97):

- (72) [DP D [XP poss X[YP cardinais Y [WP ordinais W [ZP orientação para o falante Z [HP orientação para sujeito H [NP [temáticos/ modo] N]]]]]]]

Cinque (1993) apresenta ainda mais dois argumentos para a hipótese de que todos os adjetivos atributivos nas línguas românicas são gerados à esquerda de N, mesmo quando aparecem à direita. O primeiro argumento supõe que, se estes APs são gerados à esquerda de N, eles devem apresentar alguma restrição no campo pós-nominal que os afete também quando estão em posição pré-nominal. Vimos anteriormente que APs_{atributivos} não aceitam a ordem [*AP Compl N], mas aceitam [AP N Compl] e [N AP Compl].

- (73) a. *Sua fiel (ao texto do dramaturgo) interpretação.
(AP_{atributivo} pré-nominal)
b. Sua interpretação fiel (ao texto do dramaturgo).

A restrição no campo pós-nominal fica mais clara ao inserirmos um complemento para N, o que é suficiente para diferenciarmos APs_{atributivos}, que devem preceder o complemento e apresentar alguma restrição, e APs_{predicativos}, que devem seguir o complemento e não apresentar restrição.

- (74) *A interpretação fiel ao texto do dramaturgo de João
(AP_{atributivo} pós-nominal)
(75) A interpretação de João fiel ao texto do dramaturgo
(AP_{predicativo})

O segundo argumento fundamenta-se nas regularidades de ordem relativa dos adjetivos em diversas línguas, baseadas na escala de distância de N. Línguas que admitem apenas a ordem [Adj N] impõem a seus adjetivos a seguinte organização: adj. avaliativo, tamanho, cor, nome. Já línguas com a ordem [N Adj] organizam-se em: nome, cor, tamanho, avaliativos. A ordem é justamente a oposta, como se um grupo de línguas fosse o espelho do outro grupo. Línguas românicas, que são [Adj N Adj], aceitam a ordem adjetivos avaliativos, de tamanho, N, de cor. A ordem de base é a mesma das línguas [Adj N], mas nas línguas [

Adj N Adj] a ordem é derivada do movimento de N por sobre APs mais baixos, segundo a hipótese de Cinque.

Lamarche (1991, citado por Cinque, 1993)¹⁶ apresenta algumas contra-evidências (aparentes, segundo Cinque) para a teoria de movimento de núcleo. A principal delas baseia-se na ideia de espelhamento, exposta acima, em contraste com a teoria de movimento de núcleo. No inglês, por exemplo, pode-se encontrar um sintagma com a estrutura [Adj2 Adj1 N]. De acordo com o espelhamento, as línguas românicas teriam a estrutura [N Adj1 Adj2]; no entanto, de acordo com a hipótese do movimento, teríamos [N Adj2 Adj1]. Um dos exemplos que Lamarche pode ser conferido em (76):

- (76) a. Uma fruta laranja enorme
b. A huge orange fruit

O inglês é uma língua que estabelece apenas a ordem [Adj N] como possível. O exemplo (76b) apresenta os componentes do sintagma nominal na ordem tamanho, cor e nome, como esperado. Já em uma língua com a ordem [Adj N Adj], os componentes do sintagma nominal deveriam exibir a seguinte ordem: tamanho, nome, cor; no entanto, o exemplo (76a) traz a ordem nome, cor, tamanho.

Segundo Cinque (1993, p.101-103), o problema que Lamarche apresenta pode ser esclarecido com a inserção de um PP complemento na estrutura. Vimos anteriormente (cf.57-59) que APs atributivos se posicionam entre N e seu complemento, enquanto os predicativos (cf.61-64) se posicionam após o complemento. Consideraremos, então, que na estrutura [N Adj1 Adj2], Adj1 pode preceder ou seguir o complemento, dependendo de sua natureza atributiva ou predicativa, enquanto Adj2, se seguir o complemento, só poderá ser interpretado como um adjetivo predicativo. Por conta disso, a estrutura [*N Adj1 Adj2 Compl] não ocorre pelo menos no italiano, mas podemos ter [N Adj1 PP Adj2], [N PP Adj1 Adj2] e ainda [N PP Adj2 Adj1]:

- (77) *Um carro vermelho belíssimo de corrida
(78) Um carro vermelho de corrida, belíssimo
(79) Um carro de corrida, vermelho, belíssimo
(80) ?Um carro de corrida, belíssimo, vermelho

¹⁶ LAMARCHE, J. Problems for N-movement to NumP. 1991. *Probus* 3, 215-236.

Esta questão, no entanto, não se resolve aqui, pois a restrição, de fato, é mais geral. O autor a retomará em um outro trabalho (CINQUE, 2007), conforme veremos no capítulo quatro.

3.1.2 Crisma (1990, 1993, 1996)

Crisma (1990, 1993, 1996) defende que a distribuição dos adjetivos no sintagma nominal é predizível com base na sua interpretação, pois para ela a relação entre posição e interpretação é direta; esta autora defende, portanto, que não há opcionalidade na colocação dos adjetivos e que os sistemas de modificação adjetival são regidos por princípios da gramática universal.

A autora ressalta a dificuldade de se encontrar um critério de classificação para os adjetivos, pois dividi-los de acordo com sua significação não nos ajuda a formular uma regra geral. A distinção restritivo – não-restritivo, por exemplo, que é muito comumente encontrada, trata do uso dos adjetivos, não de um atributo deles, conforme afirma Crisma (1990, p.116).

Baseando-se no paralelismo existente entre a estrutura da sentença e dos sintagmas, a autora faz uma comparação entre adjetivos de nominais eventivos e advérbios, tratando esses elementos como variantes contextuais das mesmas categorias abstratas. A autora mostra que regularidades encontradas no comportamento de advérbios podem também ser detectadas na distribuição de adjetivos e propõe assim uma classificação para adjetivos baseando-se nos estudos de Jackendoff (1972, citado por Crisma, 1990, 1993)¹⁷ sobre advérbios. O resultado será uma análise que distribui os adjetivos em diferentes subcategorias, que serão geradas em posições fixas dentro da estrutura X-barra na sintaxe dos DPs.

A descrição de Jackendoff (1972) distribui os advérbios do inglês em seis classes, de acordo com a posição que ocupam na estrutura da sentença: 1. Os que aparecem em qualquer uma das três posições (inicial, auxiliar¹⁸ e final) mudando seu significado; 2. Os que aparecem

¹⁷ JACKENDOFF, R. *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. 1972, MIT, Press, Cambridge, MA.

¹⁸ A posição auxiliar não é exatamente a mesma em inglês, italiano e português. Por exemplo, para o adjetivo *desastradamente*, a posição é pré-verbal em inglês (*John clumsily dropped his cup of coffee*), pós-verbal em italiano (*Gianni rovesciò goffamente il suo caffè*) e em português as duas posições são possíveis (*João desastradamente derrubou/ derrubou desastradamente seu copo de café*).

nas três posições sem mudar o significado; 3. Os que aparecem somente na posição inicial e auxiliar; 4. Na posição auxiliar e final; 5. Somente na posição final; 6. Somente na posição auxiliar, a “classe *merely* (meramente)”.

Há uma estrita conexão, como notou Jackendoff, entre a posição ocupada e a interpretação do advérbio. Os da classe 3, por exemplo, são semanticamente incompatíveis com uma interpretação de modo e por isso não podem aparecer em posição final; já os da classe 4 são incompatíveis com interpretação orientado para o falante ou orientado para o sujeito, e assim não podem ocorrer em posição inicial. Alguns advérbios são ambigualmente atribuídos a diferentes classes e podem, portanto, ser gerados em diferentes posições estruturais.

Antes de tentar identificar efeitos similares aos dos advérbios na distribuição de adjetivos, é preciso diferenciar adjetivos orientados para o falante ou orientados para o sujeito, adjetivos de modo e uma classe individual de adjetivos correspondente à “classe *merely*” (meramente) de Jackendoff. Crisma (1990, 1993) nota que somente um adjetivo por sintagma pode receber uma das interpretações de orientação (para o falante ou para o sujeito) ou modo.

No caso dos adjetivos orientados para o falante e para o sujeito, a diferença entre eles, mais do que estrutural, é semântica¹⁹. Por seu turno, a distinção entre adjetivos orientados para o sujeito e de modo não é simples de se estabelecer. O contraste entre adjetivos orientados para o falante e de modo é mais claro: o primeiro ocupa uma posição mais alta que o segundo. Essa também é a conclusão quando se observa que, se não há leitura de modo possível, o adjetivo tende a ser pré-nominal. Examinando exemplos com adjetivos idênticos ocupando a posição pré- e pós-nominal, Crisma (1996) notou que, em italiano, adjetivos pós-nominais recebem interpretação de “modo”, nunca de orientação para sujeito ou para o falante, mas os pré-nominais são ambíguos em muitos casos e não se sabe se são adjetivos orientados para o sujeito ou adjetivos de modo, já que adjetivos pré-nominais também podem receber interpretação de modo, como ocorre no seguinte exemplo:

(81) a. A solução efetiva do problema²⁰

¹⁹ Crisma (1993) aponta que adjetivos orientados para o falante e adjetivos orientados para o sujeito ocupam a mesma posição estrutural, mas Cinque (1993) defende que adjetivos que implicam um julgamento do falante aparecem em posição mais alta na estrutura em relação aos orientados para o sujeito.

²⁰ Os exemplos desta subseção são traduções dos exemplos apresentados em Crisma (1990, 1993, 1996).

b. A efetiva solução do problema

Para explicar as duas aparentes posições para adjetivos de modo, precedendo e seguindo o nome, como em (81a) e (81b), Crisma (1990, 1993), seguindo Cinque (1993), assume que há de fato duas possíveis posições em que se podem gerar adjetivos de modo. Já em Crisma (1996), as interpretações de modo com adjetivos pré-nominais passam a ser derivadas através de movimento do nome da posição mais baixa para a mais alta por conta da impossibilidade de coocorrência de adjetivos de modo em ambas as posições. Nas duas explicações, podemos esperar que haja diferenças de interpretação de acordo com a posição ocupada, visto que em certos contextos somente uma das posições fornece sentenças gramaticais:

- (82) a. As agressões brutais foram severamente condenadas.
b. ?As brutais agressões foram severamente condenadas.

Segundo Crisma (1993), alguns adjetivos de modo (os chamados adjetivos de modo-2 pela autora) pós-nominais podem ser usados livremente em contextos genéricos – cf. (83a); os de modo pré-nominal são aceitáveis somente quando o DP se refere a um evento específico ou uma série de eventos – cf. (83 b-c).

- (83) a. L' impegno costante alla fine è sempre premiato
/O empenho constante ao final é sempre recompensado/
b. * Il costante impegno alla fine è sempre premiato
/?O constante empenho ao final é sempre recompensado/
c. Il costante impegno di Gianni alla fine è stato premiato
/O constante empenho de Gianni ao final foi recompensado/

No entanto, adjetivos de modo pré-nominais também podem aparecer em contextos genéricos quando introduzidos por um artigo indefinido, como mostra o exemplo (84) a seguir:

- (84) a. *A brutal agressão pode deixar marcas inelidíveis na mente da vítima.
b. Uma brutal agressão pode deixar marcas inelidíveis na mente da vítima.

Outras categorias que ocorrem em posição pré-nominal (adjetivos orientados para o falante ou para o sujeito e adjetivos da classe de "mero") têm exatamente o mesmo comportamento dos adjetivos de modo pré-nominais: podem modificar sentenças genéricas somente quando introduzidos por um artigo indefinido (ou por nenhum determinante).

- (85) a. *Os prováveis/ simples fracassos não devem desencorajar um grande investigador/
b. (Uns) prováveis/ simples fracassos não devem desencorajar um grande investigador/
(86) a. ?O provável/ simples fracasso não deve desencorajar um grande investigador/
b. Um provável/ simples fracasso não deve desencorajar um grande investigador/

Resta determinar se a classe dos adjetivos como "mero" se comporta como a dos advérbios do tipo "meramente". Considera-se que uma restrição similar à dos advérbios pesa sobre os adjetivos correspondentes, que podem aparecer somente em posição pré-nominal.

Crisma (1993) aventa a possibilidade de implantar uma nova projeção funcional para esses adjetivos, mas não a adota por não encontrar evidências suficientes para atribuir a esses adjetivos o *status* de posição estrutural.

A proposta de relacionar a teoria de advérbios de Jackendoff a adjetivos traz aos nominais eventivos um critério de classificação bastante interessante, mas o paralelismo apresenta alguns problemas, como (i) nem sempre é possível encontrar adjetivos correspondentes a certos advérbios: não é possível ter adjetivos correspondentes a *francamente* e *personalmente* (*franco* e *personale*, do italiano, são interpretados como adjetivos de quase-modo²¹); (ii) advérbios como *completamente*, *totalmente*, *pessimamente*, *mortalmente* etc só aparecem em posição auxiliar ou final, mas os adjetivos correspondentes podem preceder o nome; (iii) adjetivos de modo nunca seguem o complemento do nome, enquanto advérbios de modo podem seguir o complemento do verbo. Estes problemas, no entanto, não anulam a importância das

²¹ *Quase-modo* é como Crisma (1990) nomeou adjetivos de modo-1 (segundo sua reclassificação em 1993). São os adjetivos com interpretação de modo que podem aparecer em posição pré-nominal. Em Crisma (1990), adjetivos de *quase-modo* dividem sua posição de especificador com adjetivos da classe de "mero".

conclusões alcançadas por este paralelismo, mas precisamos admitir que enfraquecem a argumentação.

Neste momento já somos capazes de determinar as posições dos adjetivos em nominais eventivos, que devem ter então um desenho geral como segue:

- I. PRÉ-NOMINAIS: Em expressões não marcadas, demonstrativos, quantificadores, possessivos e alguns adjetivos sempre aparecem na posição pré-nominal. A ordem relativa e a possibilidade de coocorrência desses elementos precedendo o núcleo são altamente restritas. Segundo Greenberg (1966²², *apud* CRISMA, 1990, p.61), ou a ordem nas línguas é demonstrativo, numeral e adjetivos descritivos, ou exatamente o contrário²³. Em relação aos adjetivos, Crisma (1990) postula duas ou três²⁴ posições necessariamente mais altas que N, para os adjetivos orientados para o falante/orientados para o sujeito e outra para adjetivos da classe "mero"/ quase-modo e talvez outra para adjetivos de modo. Adjetivos orientados para o falante podem seguir adjetivos numerais como em (87); somente em expressões marcadas podem vir antes do adjetivo numeral ou mesmo do possessivo como em (88). Considera-se então que os adjetivos numerais são gerados em posição mais alta que os adjetivos orientados para o falante ou para o sujeito, com possibilidade de movimento do adjetivo, conforme mostraremos adiante na estrutura (89).
- (87) As duas evidentes inconveniências que a população é forçada a submeter-se.
- (88) ?As evidentes duas inconveniências que a população é forçada a submeter-se.

²² GREENBERG, J.H. *Some Universals of Grammar with Particular Reference to the Order of Meaningful Elements*, in J.H. Greenberg (ed.) *Universals of Language*, 1966, pp. 73-113, MIT Press, Cambridge, MA.

²³ Trata-se do "princípio do espelho", um mecanismo teórico usado em diferentes formulações por vários autores, como Crisma (1993) e Cinque (1993, 2007).

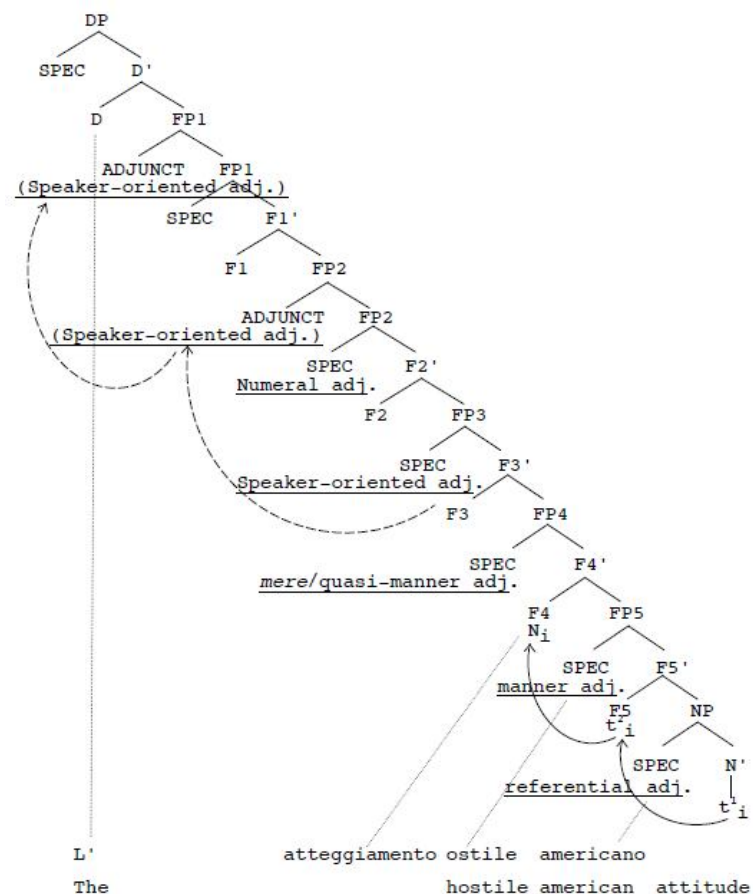
²⁴ Crisma (1993) defende a existência de adjetivos de modo-1 e modo-2, respectivamente, presentes em posição pré- ou pós-nominal, enquanto em Crisma (1990) estes foram chamados de adjetivos de quase-modo e de modo. Já em Crisma (1996), a autora parece apostar em apenas uma posição para adjetivos de modo, e por isso não apontamos com exatidão quantas posições pré-nominais a autora propõe.

II. PÓS-NOMINAIS: Seguindo o nome, temos adjetivos de modo e referenciais. Os de modo devem sempre preceder os adjetivos referenciais²⁵. Como vimos, os de modo podem ter duas posições disponíveis, pois também podem preceder o nome. Os adjetivos referenciais são gerados em Spec NP e aí permanecem. O núcleo N pode, por fim, se movimentar por sobre eles.

A ordem de base é D – possessivo – adjetivos numerais – orientados para o falante/para o sujeito – "mero"/ quase-modo – modo – adjetivos referenciais – N. Em (89) a seguir, apresentamos a estrutura do DP com suas posições de base e as indicações de possíveis movimentos (extraída de CRISMA, 1990, p. 138):

²⁵ Crisma insere as interpretações de orientação, "mero", modo e quase-modo na classe dos adjetivos descritivos. Adjetivos descritivos estão entre o núcleo e seu complemento ou precedendo o núcleo: *ogni desiderio smodato di potere (conduce alla rovina)* (qualquer desejo imoderado de poder (leva à destruição)). Podem ocorrer no mesmo sintagma dos adjetivos referenciais, mas não coordenados. Os descritivos sempre precedem os referenciais: *L'atteggiamento ostile americano* (A atitude hostil americana). A autora aparentemente está tratando por adjetivos referenciais àqueles que nunca expressam papel temático interno do DP.

(89)



Crisma (1993), consoante ao que vemos na estrutura acima, afirma que os adjetivos orientados para o falante/ sujeito e os adjetivos de modo são gerados na posição de especificador de duas projeções funcionais distintas, e que o núcleo N executa dois movimentos. Por seu turno, Cinque (em preparação²⁶, apud CRISMA, 1993, p.12) defende que cada classe ocupa a posição de especificador de uma projeção funcional e comporta uma relação semântica com seu núcleo.

²⁶ CINQUE, G. *Past Participle Movement and Functional Structure in the Romance Clause*. Em preparação.

Nas línguas germânicas, adjetivos geralmente se posicionam à esquerda do núcleo N, enquanto nas línguas românicas seu comportamento é menos homogêneo, e uma língua românica difere da outra no conjunto de adjetivos que é atribuído a cada grupo e, portanto, a cada posição. Nestas línguas, tanto o argumento externo quanto o interno (este mais baixo do que aquele na estrutura, independentemente da ordem linear deles) podem ficar à direita do núcleo se introduzidos por uma preposição, mas não quando o argumento é um possessivo ou um adjetivo argumento.

A autora, como já mencionado várias vezes, defende que a ordem relativa de adjetivos é a mesma em todas as línguas e que a diferença entre as línguas românicas e germânicas está na posição do núcleo N com respeito à sequência de adjetivos. Os dois tipos de língua geram adjetivos atributivos e argumento externo à esquerda do nome, mas o núcleo nominal em línguas românicas se move para um núcleo funcional mais alto (Cinque, 1990²⁷ e Longobardi, 1990²⁸). Crisma (1993) propõe que haja também processos de incorporação entre A e N, o que “é sugerido pelo fato de que adjetivos mais próximos ao núcleo parecem eles mesmos serem um núcleo mais do que um AP” (CRISMA, 1993, p.29, tradução nossa). Em inglês e em alemão, A se incorpora ao N à sua esquerda – cf. (90a) – e o resultado desta formação permanece em sua posição de base, não havendo movimento de núcleo. Em italiano e português, A se incorpora ao N à sua direita, como vemos em (90b), e o resultado é alcançado por movimento regular de núcleo, passando por sobre AP (que corresponde à posição modo pós-nominal (*manner*-2)). Os exemplos podem ser conferidos em (91) e (92).

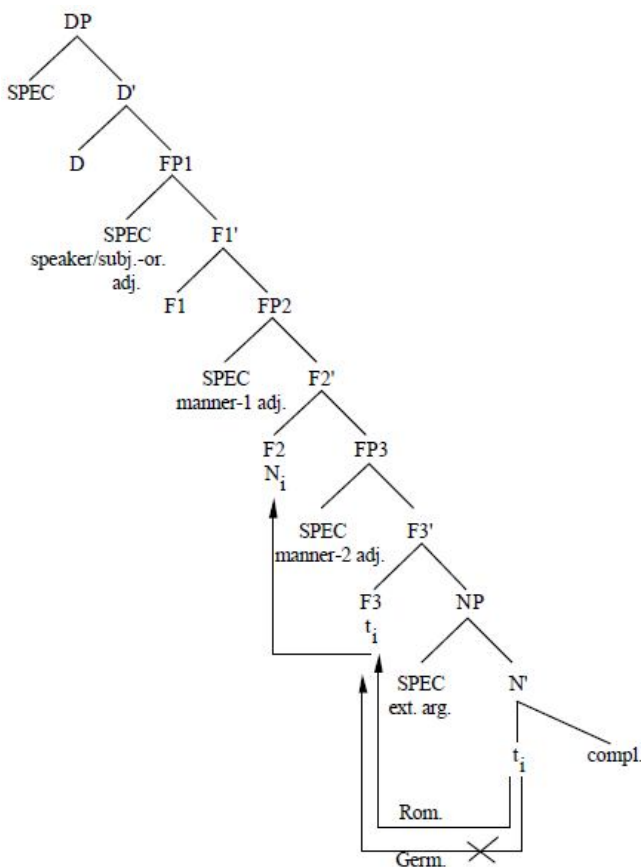
- (90) a. Inglês/ Alemão: ... AP ... [_{N°} A N]
b. Italiano/ Português: ... [_{N°i} N A] ...AP...
- (91) A very complete literal translation
- (92) Uma tradução literal muito completa

A distribuição dos adjetivos em português diferencia-se da distribuição do inglês pela movimentação obrigatória do nome em português, como mostra (93).

²⁷CINQUE, G. Agreement and head-to-head movement in the Romance Noun Phrase. 1990. Apresentado no XX *Linguistic Symposium on the Romance Languages*, University of Ottawa.

²⁸LONGOBARDI, Giuseppe. 1990. Evidence for the structure of Determiner Phrases and N-movement in syntax and in LF. Paper presented at the 13th *GLOW Colloquium*, Cambridge.

(93)



Nessa representação, Crisma (1993) estava considerando que adjetivos de modo recebem duas posições na estrutura. Crisma (1996) reavalia esta hipótese e a coloca como incerta, pois esta hipótese deixa a possibilidade de adjetivos de modo pré- e pós-nominais coocorrerem, o que não é sustentado por dados.

Apesar de a autora trabalhar somente com nominais eventivos (SN indicando um evento, nucleados por um nome que corresponde a um verbo e atribui papéis temáticos precisos), Crisma (1990, 1993) faz algumas considerações sobre os não-eventivos. Segundo a autora, também nos nomes de objetos há correlação entre posição e interpretação: adjetivos pós-nominais são geralmente interpretados

como “restritivos”, enquanto pré-nominais são interpretados como apositivos (o mesmo rótulo pode aplicar-se a adjetivos de “modo” e “orientados para o falante/para o sujeito” respectivamente). O contraste entre a leitura restritiva e a apositiva pode ser informalmente descrita como: enquanto um DP que contém o adjetivo restritivo é entendido como denotando um subgrupo de um DP idêntico que não contém o adjetivo, um DP contendo um adjetivo apositivo e um DP idêntico não contendo o adjetivo denotam o mesmo objeto.

Em resumo, Crisma (1990, em especial) ressalta que é preciso postular uma posição de especificador para adjetivos numerais e três diferentes posições de engendramento para adjetivos descritivos, com base em sua interpretação. Cada classe deve ser atribuída a uma posição fixa na estrutura. A autora defende a ideia de que APs devem ser considerados especificadores, não adjuntos, e que a ordem relativa dos adjetivos é a mesma em diversas línguas; a diferença entre línguas românicas e germânicas é a posição de N em relação à sequência de adjetivos.

3.2 ADJETIVOS COMO AUXILIARES OU ADJUNTOS

Iniciaremos esta subseção com Bernstein (1993), que divide os adjetivos em duas classes sintáticas: adjetivos X^0 (núcleos) e adjetivos “adjuntos”. Os primeiros projetam um XP que é complemento de D e que, por sua vez, toma a projeção para a qual o nome se move (NumP) como seu complemento. Os da segunda classe podem se adjungir tanto a NP, caso em que serão pós-nominais, quanto a NumP, caso em que serão pré-nominais. Em 3.2.2, examinaremos o estudo de Menuzzi (1994) que, seguindo Bernstein (1993), apresenta argumentos a favor desta hipótese baseando-se em fatos de concordância observados dentro do DP do português brasileiro.

3.2.1 Bernstein (1993)

A investigação de Bernstein (1993), baseada em diversas línguas românicas²⁹, objetiva explorar o paralelismo entre sentenças e sintagmas nominais (conforme veremos adiante), descrever o padrão de ordem das

²⁹ Como italiano, espanhol, catalão, francês, português, sardiniano, valão e romeno.

palavras dentro dos sintagmas nominais, bem como investigar aspectos sintáticos de propriedades morfológicas de diversas línguas românicas.

Na maioria das línguas românicas, e também em português, o adjetivo em geral segue o nome. Um pequeno grupo de adjetivos necessariamente precede o nome, e outros podem preceder ou seguir. Bernstein (1993) assume que a posição pré-nominal é a marcada e que a posição pós-nominal, não-marcada, é derivada por movimento sintático do nome sobre o adjetivo (cf.95):

(94) [AP N]

(95) N_i [AP t_i]

O movimento de núcleo, portanto, determina a posição superficial pós-nominal do adjetivo também para essa autora. Mas por que alguns adjetivos aparecem invariavelmente antepostos ao nome? Por que estes adjetivos não aparecem como predicativos, conforme vimos na seção 2.2 desta dissertação? Bernstein propõe em seu trabalho que isto se deve a seu estatuto sintático: para ela, certos adjetivos têm a propriedade de serem núcleos sintáticos. Esta proposta é especialmente adequada para adjetivos da classe de “mero”, que são tratados aqui como núcleos localizados estruturalmente entre D e N. A autora aponta propriedades desses adjetivos que justificam a sua interpretação como núcleo: além de não poderem ocorrer em posição pós-nominal, não podem ocorrer em construções nominais elípticas, nem ser modificados ou usados predicativamente. Veremos com mais detalhes essas propriedades adiante.

Abney (1987 *apud* Bernstein 1993³⁰) é, talvez, o primeiro a tratar adjetivos pré-nominais como núcleos. Ele observa que os adjetivos em posição pré-nominal nunca podem ter complemento – cf. (96); por isso, A, que então é núcleo para o autor, projeta AP, selecionando NP como seu complemento. Já os adjetivos pós-nominais, em contrapartida, nunca são núcleos, visto que podem ter complemento – cf. (97).

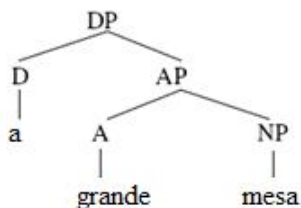
(96) *alguns [importantes para a história] acontecimentos

(97) Alguns acontecimentos [importantes para a história]

A estrutura que Abney propõe para adjetivos pré-nominais, portanto, é:

³⁰ ABNEY, S. *The English Noun Phrase in its Sentential Aspect*. Dissertação PhD. 1987, MIT, Cambridge, Mass. In: Bernstein, 1993.

(98)



Bernstein enxerga insuficiências nesta proposta, algumas das quais estão listadas a seguir:

a. Se considerarmos simplesmente que todos os adjetivos pré-nominais são núcleos, a sintaxe não seria capaz de distinguir entre adjetivos atributivos que podem aparecer em posição predicativa e os que não podem:

(99) a. a grande mesa

b. a mesa é grande

(100) a. um mero homem

b. *um homem é mero

b. A proposta de Abney não esclarece por que, em inglês, adjetivos pré-nominais são ambíguos quando antepostos ao nome (101a), mas perdem esta ambiguidade em posição pós-nominal (101b).

(101) a. Some poor one.³¹
/alguém pobre ou desprezível/

b. Someone poor.
/alguém pobre /

Apesar destas críticas, Bernstein segue a proposta de que há adjetivos que são núcleos. Vamos, primeiramente, entender a escolha teórica da autora pela hipótese de movimento de núcleo.

A autora adota a hipótese (segundo neste aspecto Cinque 1990, 1992³², 1993 e Valois 1991a,b³³) segundo a qual adjetivos são gerados

³¹ Todos os exemplos desta subsecção são iguais aos apresentados por Bernstein (aqui traduzidos para o português), com exceção de (96-100) e (116-117), que são meus.

³² CINQUE, G. *Accordo e movimento del nome*, 1990. Handout. Università di Venezia.

pré-nominalmente nas línguas românicas e é o movimento do nome sobre o adjetivo que explica a ordem superficial não-marcada (postposta ao nome), conforme representado em (95).

Uma das vantagens desta hipótese é o paralelismo que emerge entre sentenças e sintagmas nominais, derivados ambos por mecanismo de movimento de núcleo. Outra vantagem é o tratamento paralelo que adjetivos em línguas românicas e germânicas ganham: em ambas as famílias de línguas, o adjetivo seria gerado na posição pré-nominal, mas somente nas línguas românicas há movimento do nome.

Dentro desta hipótese, há dois subcasos de movimento do nome que têm sido propostos para as línguas românicas: o primeiro envolve movimento do nome para o núcleo determinante, ou seja, o N movido rege seu vestígio da posição D; o segundo “deriva a ordem relativa de nomes, argumentos temáticos do nome e adjetivos” (*ibidem*, p.35), isto é, movimenta o nome para uma posição acima dos seus argumentos e de certos adjetivos. A autora adota os dois subcasos, mas crê que argumentar pelo movimento de núcleo nesse segundo caso “requer um lugar de pouso entre N e D” (*ibidem*, p.33).

Este “lugar de pouso” é tema de diversos trabalhos. Bernstein assume que esta projeção funcional seja NumP (isto é, a projeção de número), baseando-se em trabalhos como de Picallo (1991³⁴), Ritter (1991³⁵) e Valois (1991 a, b). Podemos ver no exemplo (103) a estrutura que Bernstein assume para um sintagma como (102).

(102) o livro vermelho

CINQUE, G. *Functional Projections and N-Movement within the DP*. 1992. Resumo e Handout entregues no 15th GLOW Colloquium, Lisboa.

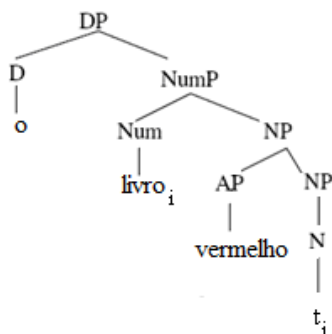
³³ VALOIS, D. The internal syntax of DP and Adjective Placement in French and English. 1991a. *NELS 21*, GSLA, 367-382

VALOIS, D. *The internal syntax of DP*. 1991b. Dissertação Ph.D. UCLA.

³⁴ PICALLO, M. C. Nominals and nominalization in catalan. 1991. *Probus* 3.3, 279-316.

³⁵ RITTER, E. Two functional categories in noun phrase: evidence from modern hebrew. In: S. ROTHSTEIN (ed) *Syntax and Semantics* 26, Academic Press, Sa Diego, 1991, 37-62.

(103)



Explorando o paralelismo entre sentenças e sintagmas nominais, a autora assume que os adjetivos são equivalentes a advérbios. Em (103), o AP é representado como adjunto de NP, uma projeção máxima, semelhante à representação dos advérbios no IP, assumido por Belletti (1990³⁶). Além dessa possibilidade de se considerar AP como adjunto de NP, há outra possibilidade, que seria a de atribuir posições Spec de projeções máximas para adjetivos; esta possibilidade é trabalhada por Cinque (1993) e Crisma (1990, 1993, 1996), como vimos nas subseções 3.1.1 e 3.1.2, e contra-argumentada por Bernstein.

Independentemente dos pontos de discordância com respeito a Cinque (1993), Bernstein adota algumas de suas propostas, como a ideia de que adjetivos étnicos temáticos, por serem obrigatoriamente pós-nominais, são gerados em SpecNP. Isto merece esclarecimento: a autora divide a classe de adjetivos étnicos em duas, uma contendo os temáticos – cf. (104) – e outra contendo aqueles que se comportam como adjetivos atributivos regulares – cf. (105). Se faz parte da primeira subclasse, o adjetivo ocupa SpecNP, não aparece predicativamente, em contexto *small-clause*, nem em contexto de cliticização de *ne*. Se faz parte da segunda, é adjungido a XP e aceita tanto a posição predicativa quanto a cliticização de *ne*.

- (104)
- a. a invasão alemã da Polônia
 - b. *Ne ho vista una tedesca (della Polonia)
/*Vi uma alemã (uma invasão alemã) (da Polônia)/
 - c. *A invasão (da Polônia) foi alemã.
 - d. *Considero esta invasão alemã.

³⁶ BELLETTI, A. *Generalized Verb Movement*. Rosenberg & Sellier, Torino, 1990.

- (105) a. um livro alemão
b. Ne ho letto uno tedesco.
/Li um alemão (um livro alemão)/
c. Este livro é alemão.
d. Considero este livro tipicamente alemão.

Apresentadas as escolhas teóricas, a seguir trataremos de alguns padrões adjetivais discutidos por Bernstein. Uma classe constitui-se de adjetivos que aparecem antes e depois do nome, exibindo leituras diferentes numa posição e noutra:

- (106) a. As perfumadas flores (não-restritiva)
b. As flores perfumadas (restritiva)

Outra se constitui de adjetivos que são obrigatoriamente pré-nominais:

- (107) Um mero acidente

Esses adjetivos dos dois exemplos anteriores não pertencem a uma única classe, ainda que ambos ocorram pré-nominalmente. Uma característica que os diferencia é que o adjetivo de (106), assim outros adjetivos atributivos regulares, pode aparecer predicativamente, mas o adjetivo de (107) não pode:

- (108) As flores são perfumadas.
(109) *o acidente é mero.

Outra característica que distingue os dois grupos de adjetivos pré-nominais é a modificação. Em (110), o adjetivo pode ser modificado por um intensificador, ao contrário do adjetivo em (111), que não aceita modificação alguma.

- (110) a. ?as muito perfumadas flores
b. as flores muito perfumadas.
(111) *Um muito mero acidente.

Uma última característica que os diferencia é a possibilidade de adjetivos atributivos regulares aparecerem em construções nominais elípticas *e/* ou com *ne/en*. Quando ocorre nestas construções, o adjetivo retém apenas o significado que tem no campo pós-nominal; por isso as

construções (114) e (115) não são gramaticais. Os exemplos em (112) e (114) estão em espanhol e aqueles de (113) e (115) são em italiano. Em português não existe nada similar ao clítico *ne* do italiano ou *en* do francês e nem o *-o* que aparece em *un-o* do italiano existe em português, que usa nos contextos de elipse a forma normal do indefinido. Contudo, o mesmo contraste que se nota em espanhol ou italiano se vê também em português, como mostra a tradução dos exemplos:

- (112) He sentido unas olorosas.
/senti umas perfumadas/
(113) Ne ho visto una simpática.
/cl. Vi uma simpática/
(114) *He visto uno mero.
/*vi um mero/
(115) *Ne ho visto uno mero.
/*cl. Vi um mero/

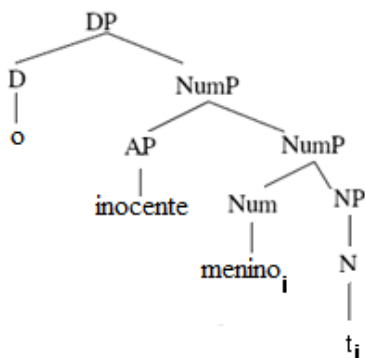
As restrições “não poder ocorrer em contextos predicativos” e “não aceitar modificação ou complementação” não são suficientes para delimitar os adjetivos exclusivamente pré-nominais em português. Um adjetivo como *nuclear*, em *um físico nuclear* sofre os efeitos destas duas restrições, apesar de ser somente pós-nominal. O adjetivo *big*, que conforme vimos no capítulo dois, é somente pré-nominal em português, aceita a posição predicativa e aceita modificação, mas devemos lembrar que esse adjetivo vem de outra língua e parece trazer consigo as propriedades que ele tinha no inglês.

Na sintaxe, os reflexos das diferenças entre adjetivos exclusivamente pré-nominais e pré-nominais que podem também ocorrer no campo pós-nominal são: adjetivos pré-nominais, que também podem ser pós-nominais, como *perfumadas*, por exemplo, são adjungidos a XP (veremos em seguida quais os possíveis XPs) nos DPs das línguas românicas. Já em (107) temos um exemplo de um adjetivo considerado um núcleo sintático para Bernstein. Veremos em seguida a representação estrutural oferecida para cada um destes casos.

A fim de dar conta da classe de adjetivos que aparece pré- e pós-nominalmente (*perfumadas*, etc), Bernstein propõe que esses adjetivos podem ser adjungidos tanto a NP quanto NumP.

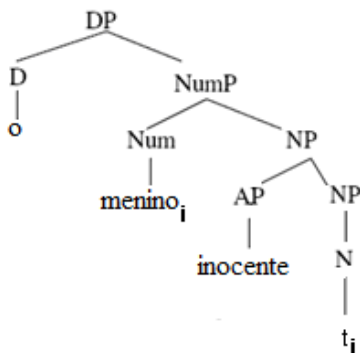
- (116) a. O inocente menino

b.



(117) a. O menino inocente

b.

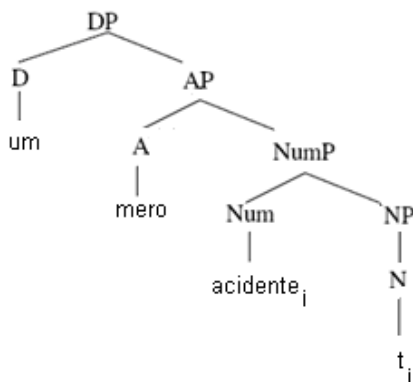


A ordem superficial, portanto, depende do movimento do nome por sobre o adjetivo quando N se move para Num⁰. Em (116) o nome se move, mas não passa sobre o adjetivo; por conta disso o adjetivo aparece anteposto ao nome na ordem superficial. Chamamos a atenção neste ponto para as interpretações que (116) e (117) podem ter: em (116), uma das interpretações possíveis é que o menino tem como característica pessoal ser inocente; já em (117), podemos estar falando da sua inocência perante alguma situação, ou podemos ainda estar restringindo de qual menino estamos falando. Esta diferença é determinada pelo lugar de adjunção, não pelo movimento: o adjetivo adjunto a NumP tem interpretação não-restritiva (e aparece em posição pré-nominal) e adjetivo adjunto a NP tem interpretação restritiva (e

aparece em posição pós-nominal)³⁷. Dessa forma, a autora pode mostrar como diferenças de ordem e interpretações podem ser explicadas por uma teoria que assume pelo menos dois lugares de adjunção para adjetivos na estrutura profunda.

Em seguida, Bernstein trata com mais profundidade dos adjetivos que aparecem somente no campo pré-nominal (adjetivos como núcleos, ou seja, elementos X^0). Segundo Bernstein, esses adjetivos não podem ser modificados, tampouco aparecer em contextos predicativos ou em construções nominais elípticas devido aos próprios requerimentos seletivos. Em (118) abaixo, temos um exemplo com um adjetivo estritamente pré-nominal:

(118)



O adjetivo *mero* tem projeção máxima que é parte da estrutura nominal, não um adjunto. Esses adjetivos, portanto, não aparecem em posição pós-nominal pois o adjetivo age como um núcleo interveniente e o movimento de N, para ultrapassá-lo, violaria a condição de movimento de núcleo (HMC)³⁸. O único movimento que ocorre, o do nome, se submete obrigatoriamente a movimento de núcleo para núcleo e assim pode ir apenas até Num⁰, amalgamando-se à flexão de número, pois o "amalgama" só se faz com categorias funcionais, como a flexão; por isso ele não pode ir para A se incorporar ao adjetivo.

³⁷ Também há, na verdade, leitura não-restritiva quando o adjetivo está adjunto ao NP, embora não seja a interpretação preferencial. Voltaremos a este tópico no capítulo quatro.

³⁸ Lembramos o leitor da generalização conhecida como "Restrição de Movimento de Núcleo" (*Head Movement Constraint*, HMC): "Um núcleo só pode se mover para a primeira posição de núcleo que o c-comande." (MIOTO; FIGUEIREDO SILVA; LOPES, 2004, p.253).

A autora discute, em seguida, algumas consequências da sua proposta. A primeira diz respeito a adjetivos estruturalmente ambíguos. Há adjetivos que exibem os dois tipos de estrutura (núcleo adjetival/ adjetivo adjunto). Dentre os adjetivos que podem ocorrer tanto antes quanto depois do nome, a diferença de interpretação de alguns não está associada à distinção restritiva/ não-restritiva, posta tradicionalmente. Os adjetivos dos seguintes exemplos exibem diferença mais significativa na interpretação.

- (119) a. O simples homem.
b. O homem simples.
- (120) a. O pobre homem.
b. O homem pobre.
- (121) a. Uma certa coisa.
b. Uma coisa certa.
- (122) a. Os diversos livros.
b. Os livros diversos.

Os adjetivos em (a) nos exemplos (119)-(122) têm características atribuídas a núcleos adjetivais, pois, como mostra (123), não são encontrados em contextos predicativos (a frase não é agramatical, mas não tem o mesmo significado de *o simples/ mero homem*), não permitem modificação como mostra a impossibilidade de (124) e não ocorrem em construções nominais elípticas *e/* ou com *ne/en* (ver 125, que, apesar de a sentença não ser agramatical, não tem o mesmo significado que teria se o adjetivo ocupasse a posição pré-nominal)³⁹.

- (123) O homem é simples
- (124) *O muito simples (=mero) homem.
- (125) Ne ho visto uno povero.
/Vi um pobre/

Já os adjetivos em (119b-122b) são adjetivos atributivos regulares, pois possuem características de XPs adjetivais – ocorrem em contextos predicativos como em (126) e aceitam modificação como mostra a gramaticalidade de (127), além de aparecerem em construções

³⁹ Cinque menciona *diverso* (=muito), do italiano, como um contra-exemplo, pois a interpretação de *diverso* pré-nominal também é encontrada em posição predicativa. Bernstein vê uma possível explicação para isso no fato de *diverso* ser ambíguo entre a interpretação de quantificador (como *muito*) e a de um adjetivo atributivo. Os casos pré-nominal e predicativo corresponderiam a uma característica do quantificador.

elípticas. O português tem a construção elíptica, mas não a forma especial do determinante indefinido; de fato, o português se comporta como o espanhol, como mostra a tradução de (128), que só pode receber a interpretação do adjetivo quando ele é pós-nominal, que no caso é restritiva.

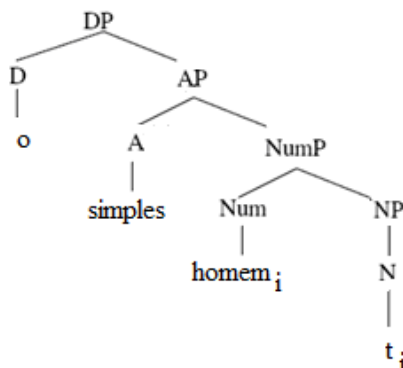
(126) O homem é simples (=o homem simples)

(127) O homem muito simples.

(128) He sentido unas olorosas.
/Senti umas perfumadas/

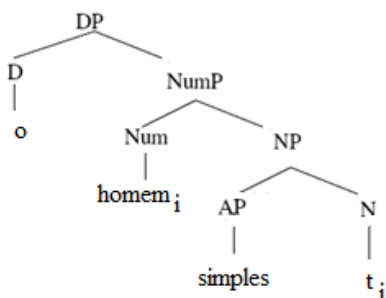
Estas diferenças distribucionais argumentam a favor de uma representação estrutural distinta. Para núcleos adjetivais, como os de (119a)-(122a), Bernstein propõe (129), a mesma oferecida para adjetivos como *mero*:

(129)



Para adjetivos adjuntos a XPs, que aparecem nos exemplos (119b) – (122b), a hipótese é de que também haja movimento do nome para posição Num. Isto é possível, pois o adjetivo é tratado como adjunto; dessa forma não intervém no movimento e a restrição de movimento de núcleo (HMC) é respeitada. Para estes adjetivos, a autora propõe a representação em (130):

(130)



Bernstein sugere que adjetivos X^0 são elementos funcionais e adjetivos atributivos regulares são elementos lexicais. Para ela, o fato de existir apenas um grupo relativamente pequeno de adjetivos X^0 é um argumento a favor da ideia de que são núcleos funcionais.

Mencionamos anteriormente que adjetivos que são núcleos não aceitam construções nominais elípticas no mesmo sintagma, conforme mostramos em (114), (115) e (125). Bernstein dá atenção especial a esta restrição no capítulo três de sua tese, por se tratar de um de seus principais argumentos.

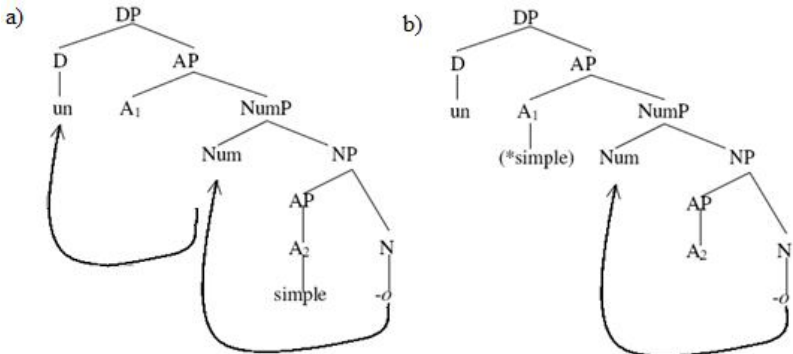
Este argumento é baseado nos determinantes pronominais do italiano e do espanhol. Nessas duas línguas, determinantes pronominais se caracterizam por adicionarem o sufixo *-o* ao determinante indefinido na ausência de nome a fim de licenciar a projeção vazia (do nome) em construções indefinidas – cf. (131). Por conta disso, os adjetivos que podem ocorrer nesta construção ou são adjetivos pós-nominais ou são adjetivos que admitem aparecer tanto antes quanto depois do nome mas, nessa construção, só podem receber a interpretação do adjetivo em posição pós-nominal como mostra (132). Quando o adjetivo é obrigatoriamente pré-nominal, o determinante pronominal não pode ocorrer, como se vê em (133):

- (131) a. Un hombre simple (= um homem modesto, não sofisticado)
b. Uno simple
c. *Uno hombre simple
- (132) a. Un cierto dato (um fato em particular)
b. Un dato cierto (um fato verdadeiro, correto)
c. Uno cierto (=um dato cierto)
- (133) a. Un mero accidente (um mero acidente)

- b. *Un accidente mero (*um acidente mero)
- c. *Uno mero

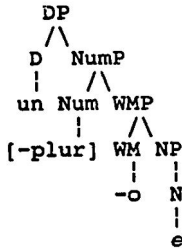
Segundo a análise da autora, determinantes pronominais, que nas representações a seguir são gerados em N, ocorrem somente com adjetivos pós-nominais, caso em que não há conteúdo em A1 para interromper o movimento de *-o* para D, como mostra (134a). Os adjetivos pré-nominais, por serem núcleos intervenientes, bloqueiam o movimento de Num para D, como se vê em (134b); por isso (133c) não é gramatical.

(134)



Estas estruturas, apresentadas acima, são simplificações da proposta da autora. Segundo Bernstein, o afixo *-o*, que a autora denomina *Word Marker (WM)*, é gerado independentemente como núcleo da sua própria projeção funcional. O papel do *WM* nestas construções é licenciar a projeção NP que contém um N nulo via regência de núcleo, ou via regência do antecedente de um N vazio que foi incorporado ao *WM*. O que a autora tem em mente é algo como a representação em (135):

(135)



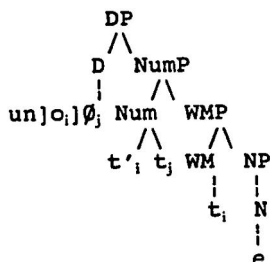
Em (135), vemos que Bernstein assume que o determinante indefinido é gerado na base como D^0 . Trata-se, no entanto, de uma simplificação. Bernstein argumenta que construções definidas e indefinidas não são paralelas por várias razões. Dentre elas está a observação de que o *Word marker* aparece necessariamente nas construções indefinidas, mas não nas construções definidas. A autora observa ainda que o pronominal indefinido *uno*, como um demonstrativo, é pronominal com ou sem a presença de um adjetivo, enquanto o determinante definido requer a presença de um adjetivo (ou preposição, ou relativizador...) para veicular a interpretação pronominal:

(136) Espanhol: uno grande

(137) Espanhol: El *(grande)

Bernstein assume que o determinante definido é gerado como um elemento D e que indefinidos são gerados em SpecNumP e então cliticizam-se a D^0 . Nenhum nome explícito é gerado na posição N^0 . Por conta disso, o *Word marker* move-se sozinho para o próximo núcleo mais alto, Num⁰, e une-se à flexão de número. Como Num⁰ também é afixal por natureza, o *Word marker* e o número unem-se e movem-se para o núcleo funcional mais próximo, D^0 .

(138)

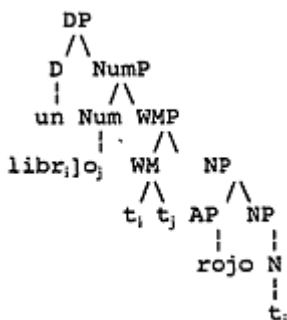


Podemos então resumir a proposta de Bernstein conforme segue. A autora assume que adjetivos são gerados pré-nominalmente nas línguas românicas e que o movimento do nome sobre o adjetivo explica a ordem superficial não-marcada (postposta ao nome). O movimento de núcleo nestes casos requer um lugar de pouso entre N e D; Bernstein assume que esta projeção funcional é NumP.

A autora propõe que dois tipos de adjetivos devam ser distinguidos:

1. Os adjuntos a NP, caso em que a ordem superficial é derivada quando a raiz do nome move-se obrigatoriamente de N^0 a Num^0 , passando por WM^0 , localizado dentre eles, como se vê na representação (139) abaixo. Na ordem superficial com o adjetivo pós-nominal, diferentemente da que exhibe o adjetivo em posição pré-nominal, o nome passa sobre o adjetivo em seu movimento:

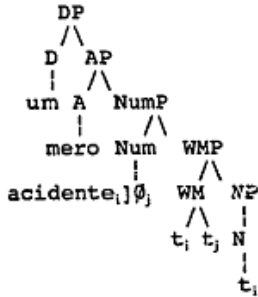
(139)



2. Os elementos adjetivais de tipo X^0 , com projeção no nível XP como todos os núcleos segundo a Teoria X-barra, tomam NP como complemento obrigatório. A autora observa que esses adjetivos têm as seguintes propriedades: não ocorrem em construções nominais elípticas,

não podem ser modificados nem usados predicativamente⁴⁰. Em (140) abaixo está a representação arbórea dessa estrutura:

(140)



A fim de dar conta da classe de adjetivos que aparece pré- e pós-nominalmente, Bernstein propõe que certos adjetivos, como *perfumado*, *simpático*, *grande etc.*, podem ser adjungidos tanto a NP (caso em que são pós-N, com interpretação restritiva) quanto a NumP (caso em que são pré-N, com interpretação não-restritiva).

Há adjetivos que tanto podem ser projetados como um núcleo adjetival quanto como APs adjuntos. Dentre os adjetivos que podem anteceder ou suceder o nome, a diferença de interpretação de alguns não está associada à distinção restritiva/ não-restritiva. São adjetivos como *simples*, *pobre*, *certa* que, em posição pré-nominal, têm as mesmas características que foram atribuídas a núcleos adjetivais, pois não são encontrados em contextos predicativos e não permitem modificação. Por conta dessas propriedades de núcleos, não podem ser adjuntos a NumP; estes adjetivos também têm projeção no nível XP e tomam NP como complemento obrigatório. Já em posição pós-nominal são adjetivos atributivos regulares, pois possuem as características que foram atribuídas a XPs adjetivais – ocorrem em contextos predicativos, aceitam modificação e aparecem em construções elípticas; da mesma forma que XPs adjetivais, na posição pós-nominal serão adjuntos a NP.

⁴⁰ Um problema que a análise de Bernstein enfrenta, conforme admite a autora, é com adjetivos do grupo de *principal*. Estes adjetivos podem aparecer em posição pré e pós-nominal (*o principal motivo/ o motivo principal*). A expectativa é que estes adjetivos aceitassem a posição predicativa, o que não ocorre (**este motivo é principal*). Como também não aceitam modificação (**o argumento muito principal*) nem clíticos partitivos (**Ne ho uno principale*), poderíamos pensar que se trata de núcleos. No entanto, podem aparecer em construções nominais elípticas (*Sono uscito de quello principale*).

Há, no entanto, um grande problema que a proposta de que adjetivos exclusivamente pré-nominais projetam um XP precisa enfrentar: se há um núcleo selecionador na estrutura, o que diremos quando o adjetivo não estiver presente? A estrutura apresentada talvez não seja consistente por não ter sempre as mesmas categorias.

3.2.2 Menuzzi (1994)

Menuzzi (1994), num estudo sobre posições adjetivais dentro do DP, procura fornecer argumentos adicionais à hipótese de Bernstein (1991)⁴¹, igualmente apresentada em Bernstein (1993), vista anteriormente. Os argumentos de Menuzzi (1994) dizem respeito ao sistema não-uniforme (como o do PB) de concordância dentro de DPs, nas línguas românicas e germânicas, sensíveis à distinção posta acima: nestes sistemas, a concordância adjetival depende da especificação dos traços do nome ou do determinante. Apresentaremos aqui apenas os argumentos concernentes ao PB.

No português padrão, todos os núcleos partilham todos os traços de concordância e flexionam-se uniformemente; o sistema é, então, uniforme. O PB tem o mesmo sistema de traços (de gênero e número) do português padrão, mas a concordância de número é não-uniforme em PB, e é marcada explicitamente apenas nos determinantes quando somente o determinante e o nome estão presentes, como mostrado em (141), ou nos nomes, quando há ausência de determinante e de adjetivos, como mostrado em (142).

(141) Os aluno⁴²

(142) Aluno*(s)

O sistema não-uniforme é sensível ainda às diferentes posições dos adjetivos. Os pré-nominais concordam em traço [+PI] com o determinante – cf. (143) e (144) e os pós-nominais, com o nome – cf. (145), (146) e (147).

(143) Os novos aluno

(144) *Os novo aluno

⁴¹ BERNSTEIN, J. *Nominal enclitics in Romance*. 1991, MIT Working Papers in Linguistics 14, p. 51-66.

⁴² Todos os exemplos que constam nesta subseção foram baseados nos exemplos do autor.

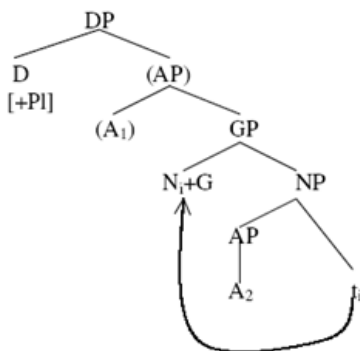
- (145) Os aluno novo
 (146) Alunos novos
 (147) *Os aluno novos

Caso o determinante não esteja presente, o nome também não é flexionado se houver adjetivos pré-nominais⁴³:

- (148) Novos aluno

Vejam os dados do PB: "o fato de o nome não se flexionar na presença de um determinante ou de um adjetivo pré-nominal indica que ele não se move para o núcleo de NumP" (MENUZZI, 1994, p.5, tradução nossa)⁴⁴, como está indicado em (134), mas para outra projeção funcional, que Menuzzi chama de G(ênero) – uma categoria que possui concordância uniforme em PB –, enquanto [+Pl] passa a ser gerado mais alto que A1⁴⁵. Assim, a configuração pertinente para o PB está em (149) abaixo:

- (149)



⁴³ Estas generalizações, para Menuzzi, também parecem valer para sintagmas com mais de um adjetivo, como por exemplo *alguns novo*(s) bon*(s) aluno*.

⁴⁴ No original: "The fact that the noun does not inflect for [+Pl] in the presence of a determiner or a prenominal adjective indicates that it does *not* land in the head of NumP".

⁴⁵ Talvez, como aponta Menuzzi (1994), [+Pl] esteja em um núcleo independente, conforme proposta de autores como Bernstein (1991), mas por falta de evidências no português para isto o autor mantém que esta marca ocorre em D.

Esta representação estrutural, segundo Menuzzi, dá conta dos dados do PB: se somente o nome e o determinante estiverem presentes, é o determinante que se flexiona; se não houver determinante, o núcleo mais próximo deve se mover e se adjungir ao traço [+PI], que no caso de (142) é o nome núcleo, que se move de G para D, e no caso de (148) é o adjetivo, que se move de A1 para D. O conteúdo de G não se move para D na presença de A1, pois A1 age como núcleo interveniente, bloqueando o movimento; mas se move na presença de A2, pois este não age como núcleo interveniente. Por isso podemos dizer com Menuzzi que os fatos apresentados do PB adicionam confirmação empírica à hipótese de Bernstein. Em relação aos exemplos de (143) a (147), Menuzzi supõe que os adjetivos concordam com o primeiro núcleo c-comandante, que no caso de A1 é D e no caso de A2 é N. Isso explica, por fim, porque adjetivos pré-nominais concordam com o determinante e pós-nominais com o nome a respeito do traço [+PI].

Apesar de interessante e bastante precisa, a análise de Menuzzi (1994) não segue inteiramente a proposta de Bernstein (1993), pois não diferencia adjetivos pré-nominais que seriam núcleos dos núcleos pré-nominais que seriam adjuntos. Em Menuzzi (1994), adjetivos exclusivamente pré-nominais e adjetivos pré-nominais que também podem ser pós-nominais são aparentemente analisados da mesma forma.

Observou-se nesta seção que há um confronto entre as hipóteses que adjetivos são APs ocupando posições de especificador distintas no sintagma e a hipótese que defende que adjetivos podem ser núcleos nominais ou adjuntos, dependendo das propriedades de cada adjetivo. Mas há questões muito mais básicas que devem ser retomadas antes de vermos se os trabalhos apresentados neste capítulo têm algo a dizer sobre os dados recolhidos do português, vistos no capítulo dois. Estas questões estão ligadas à hipótese de movimento de núcleo, que abarca os quatro trabalhos vistos neste capítulo.

3.3 PROBLEMAS PARA A HIPÓTESE DE MOVIMENTO DE NÚCLEO

Neste capítulo apresentamos alguns dos principais trabalhos sobre adjetivos que defendem a hipótese de movimento de núcleo. Há, no entanto, inúmeros problemas que esta teoria não é capaz de explicar.

O primeiro problema diz respeito a uma aparente restrição no número de adjetivos pós-nominais nas línguas românicas, ou, mais especificamente, a uma restrição no número de adjetivos encontrados

depois de N e antes do complemento, ou adjunto, do N. Estas observações são feitas por Cinque (2007)⁴⁶, que apresenta o seguinte exemplo para esta restrição:

- (150) A única possível invasão_i romana t_i da Trácia.⁴⁷
(151) *? A única invasão possível romana da Trácia⁴⁸.

Em (150), é obrigatório o movimento de N sobre *romana*; mas em (151), quando N passa sobre *romana* e *possível*, o exemplo torna-se agramatical.

Outro problema é causado pela inesperada existência de ordem espelhada em sintagmas das línguas germânicas e românicas: sequências de adjetivos pós-nominais nas línguas românicas são caracteristicamente a imagem espelhada de sequências de adjetivos pré-nominais nas germânicas.

- (152) The most probable main cause of his death
(153) a. A causa principal mais provável de sua morte.
b. *A causa mais provável principal de sua morte.

(152) e (153a) possuem a mesma interpretação, mas requerem propriedades de escopo reversas: *provável* (*probable*) com escopo sob *principal* (*main*) em inglês, e *principal* com escopo sob *provável* em português ou italiano.

Outro argumento contra a hipótese de movimento de núcleo pode ser posto em relevo através de (154):

- (154) Les [présumés [[[professeurs] chinois] malhonnêtes]]
/os supostos professores chineses desonestos/

Na interpretação de escopo sugerida pelos colchetes, *malhonnêtes* (desonestos) pode ter escopo sobre *professeurs chinois* (professores

⁴⁶ Em Cinque (1993) o autor sugeriu uma resposta a este problema: APs temáticos competem com APs de modo pela mesma posição. A restrição, no entanto, é mais geral, e por isto o autor retoma a questão aqui.

⁴⁷ Os exemplos presentes em 3.3, incluindo suas subseções, foram retirados de Cinque (2007) e apresentados aqui em português, com exceção dos exemplos (158), (160-161), (166-172), que são meus.

⁴⁸ Note que o problema não está ligado ao adjetivo *possível*, que também pode ser pós-nominal:

(i) A única invasão possível da Trácia.

chineses), enquanto estes todos estão sob escopo de *présumés* (supostos). Isto é um problema para uma teoria que analisa os adjetivos pós-nominais como consequência do movimento de N. A análise de movimento de núcleo nos leva a esperar que um pós-nominal não seja capaz de ter escopo sobre um pré-nominal, mas isto é possível mesmo se selecionarmos um adjetivo não-predicativo. Se assumíssemos que em *malhonnêtes* temos uma relativa reduzida, a fim de tentarmos explicar através da hipótese de movimento de núcleo como este adjetivo pode ter escopo sobre *chinois*, encontraríamos ainda um problema para explicar como *présumés* não está sob seu escopo na interpretação sugerida acima. Outro exemplo pode ser visto a seguir, no qual *sicura* (segura) tem escopo sobre *giovane promessa* (nova promessa):

(155) *La giovane promessa è sicura.

(156) É uma giovane promessa sicura.
/é uma nova promessa segura/

O quarto problema que apontaremos, talvez o mais sério de todos, é gerado pela impossibilidade de a teoria de movimento de núcleo criar uma análise unificada para a semântica e a sintaxe de adjetivos pré- e pós-nominais nas línguas românicas e germânicas. Para estes problemas e outras questões, Cinque (2007) encontra solução na hipótese de movimento de constituintes, conforme veremos no próximo capítulo.

3.3.1 Incertezas para a teoria de que adjetivos ocupam posições de especificadores

Bernstein (1993), discutindo diretamente com Cinque (1992, 1993), traz razões para não adotar a hipótese segundo a qual adjetivos atributivos são gerados em posições de especificadores. Uma das razões postas para assumir que não são especificadores remete ao número de especificadores em potencial: a princípio, nada impede que o DP fique sempre mais articulado. E mais: se cada Spec é associado a uma classe semântica particular de adjetivos, é difícil explicar como pode haver variação na ordem de adjetivos. Além disto, múltiplos adjetivos de mesma classe semântica teriam que ser representados como adjunção múltipla a um XP idêntico.

Cinque (1993) contra-argumenta ao dizer que, gerando em posição Spec, limita-se automaticamente o número de adjetivos ao número de núcleos funcionais no DP (seis ou sete, segundo Cinque).

Bernstein discute se dessa forma não estaríamos criando XPs funcionais para acomodar um número potencial de adjetivos. Também é possível que o limite no número potencial de adjetivos não seja determinado pela sintaxe, mas antes por considerações processuais.

3.3.2 Problemas para a teoria de que adjetivos podem ser auxiliares ou adjuntos

O fato de adjetivos pré-nominais não poderem tomar complementos ou adjuntos⁴⁹ foi tomado por Bernstein como um argumento a favor da hipótese de que eles podem ser núcleos:

(157) *aqueles [simples de resolver] problemas

Mas de acordo com Cinque (2007) se fossem núcleos, poderíamos esperar que um modificador agindo sobre o primeiro de muitos adjetivos deveria ter escopo sobre os adjetivos à sua direita, mas isso não ocorre. Em (158), um exemplo do norueguês, o modificador *alt-for* somente modifica o adjetivo *heit*.

(158) alt-for heit sterk kafee
/much too hot strong coffee/

Cinque (2007) alega ainda que, em francês, alguns adjetivos exclusivamente pré-nominais podem também ser pós-nominais se coordenados:

- (159) a. des vrais coupables
/os verdadeiros culpados/
b. *des coupables vrais
- (160) a. des faux coupables
/os falsos culpados/
b. *des coupables faux
- (161) a. des vrais ou faux coupables
/os verdadeiros ou falsos culpados/
b. des coupables vrais ou faux

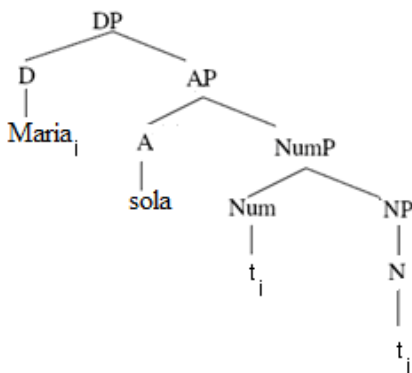
⁴⁹ O fato de existirem línguas em que adjetivos pré-nominais tomam complementos não enfraquece, para Cinque, esta hipótese, se for possível mostrar que essas línguas também têm relativas reduzidas pré-nominais com as mesmas propriedades.

Para Cinque (1994) fica clara a impossibilidade de manter a análise que atribui uma posição de núcleo para esses adjetivos quando examinamos alguns adjetivos (obrigatoriamente pré-nominais diante de Ns comuns ou Ns próprios com determinantes explícitos) que devem ser ultrapassados por Ns próprios na ausência de determinante.

- (162)
- a. La sola Maria si è presentata
/A somente Maria apareceu/
Somente Maria apareceu.
 - b. *Sola Maria si è presentata
 - c. *La Maria sola si è presentata
/A Maria sozinha apareceu/
 - d. Maria sola si è presentata

Tomando por base a estrutura que Bernstein apresenta para adjetivos núcleos, podemos representar estruturalmente o que Cinque está dizendo com a seguinte árvore:

(163)



Se o adjetivo fosse núcleo, não deveria ser permitido este movimento sobre ele. O fato de não haver muitos adjetivos ditos núcleos que possam ser ultrapassados por Ns próprios não pode ser, para Cinque, tomado como evidência de seu estatuto de núcleo, pois diz o autor, apesar de não exemplificar, que o movimento do nome próprio para D é impossível mesmo com alguns adjetivos pós-nominais.

O que Bernstein (1993) propõe para (163) é que *solo* não é um AP adjunto ou núcleo, mas que *Il solo* é um elemento D complexo, o que explica este exemplo, mas enfraquece a teoria.

Em relação aos adjetivos exclusivamente pré-nominais, Cinque pontua que o fato destes adjetivos de modificação direta nunca poderem ser ultrapassados pelo N (ou NP, afinal podem coocorrer mais de um adjetivo de modificação direta no sintagma), em alguns casos, pode estar relacionado ao fato de os adjetivos pousarem em posições que são mais altas que as posições para as quais o N (ou o NP) pode se mover.

Mas a posição alta do adjetivo não pode explicar os exemplos que seguem: vemos em (164) e (165) que *dito* é um adjetivo que aceita, a princípio, ambas as posições pré-N e pós-N (o posicionamento refletirá no que está sob seu escopo no sintagma):

(164) o dito médico especialista em coluna

(165) o médico dito especialista em coluna

No entanto, há adjetivos exclusivamente pré-nominais que são mais baixos (ou seja, aparecem em ordem linear mais à direita) que alguns adjetivos que podem ser tanto pré-nominais quanto pós-nominais, incluindo o adjetivo visto acima em (164)-(165).

(166) o aclamado primeiro presidente negro dos Estados Unidos

(167) o dito mero auxiliar do prefeito

(168) o requerido meio litro de óleo

(169) o então pretenso batuqueiro

Os exemplos apresentados pelo autor são com os adjetivos *perfetto*, exclusivamente pré-nominal em italiano, e *potenziale*, que pode vir anteposto ou posposto ao nome:

- (170) a. un potenziale perfetto sconosciuto
/um potencial perfeito desconhecido/
b. *un potenziale sconosciuto perfetto
c. un perfetto sconosciuto potenziale.

Isto sugere que deve haver outras razões para esses adjetivos nunca poderem ser ultrapassados, que podem inclusive ser diferentes dentre as línguas românicas.

No capítulo seguinte, apresentaremos uma teoria que procura sanar estes problemas apresentados em 3.3, bem como apresentar uma

análise que inclua uma preocupação com as diferenças semânticas que os adjetivos podem ter em cada posição (conforme vimos em 2.3). A hipótese que apresentaremos a seguir, chamada de hipótese de movimento de constituintes, preocupa-se ainda em perceber, em especial em sintagmas com mais de um adjetivo, as aproximações possíveis que podemos fazer entre as línguas românicas e germânicas, mesmo com a existência de ordem espelhada.

4 A HIPÓTESE DE MOVIMENTO DE CONSTITUINTES

Em Crisma (1993) vimos que, dependendo da posição ocupada no sintagma, o mesmo adjetivo pode receber diferentes leituras. A autora defende que adjetivos eventivos em posição pós-nominal podem ter interpretação de modo ou ainda podem ser referenciais, enquanto os pré-nominais podem ser orientados para o sujeito ou o objeto, ou podem receber interpretação de (quase-)modo (a classe de “mero”).

Vários fatos ligados à interpretação dos adjetivos em diferentes posições foram notados não apenas por Crisma mas por muitos outros estudiosos, o que nos mostra de maneira cabal que desconsiderar a semântica dos adjetivos para este trabalho seria ignorar fatores importantes de diferenciação entre as posições pré- e pós-nominal. O trabalho de Crisma, no entanto, não esgota as possibilidades semânticas dos adjetivos; não dá conta, por exemplo, de responder o que ocorre na sintaxe para que os adjetivos tenham as diferenças semânticas observadas no capítulo dois desta dissertação. Vimos também que as teorias que defendem a hipótese de movimento de núcleo não dão conta de manter a comparação entre línguas românicas e germânicas, conforme propõem Crisma (1990, 1993, 1996) e Cinque (1993).

Em um trabalho mais recente, Cinque (2007) apresenta a hipótese de movimento de constituintes, não mais de núcleos, como o responsável pelas propriedades observadas nas línguas românicas e germânicas; o autor propõe ainda uma sistematização semântica e sintática para as posições que os adjetivos podem ocupar.

4.1 CINQUE (2007)⁵⁰

Por conta de diversos problemas, alguns deles vistos em 3.3, que a teoria de movimento de núcleo coloca, Cinque (2007) procura responder aos problemas vistos anteriormente através da hipótese de movimento de constituintes, como veremos. Para ele, a natureza dos adjetivos pode ser explicitada da seguinte forma:

Adjectives (more accurately APs) will be seen to enter the DP either as specifiers of dedicated

⁵⁰ A versão a que tive acesso quando estudei esta tese ainda estava sob revisão. A versão final, a que tive acesso apenas quando já concluída a dissertação, encontra-se em: <http://lear.unive.it/handle/10278/1179>. Ressalto apenas que a diferença entre as versões refere-se à organização do trabalho, o que não prejudica em nada o que apresento nesta dissertação.

functional projections in the “extended projection” of the NP, or as (reduced) relative clauses. Though many adjectives can access both sources, some will turn out to access only one, which will make it possible to isolate and compare the different syntactic and interpretive properties associated with each source. (2007, p.8)⁵¹

A sugestão de que adjetivos entram na estrutura de DPs de duas formas talvez seja o principal ponto defendido em Cinque (2007): adjetivos são originados ou como modificadores sintagmáticos diretos de núcleos funcionais da projeção estendida de N ou como predicados de relativas reduzidas, gerados acima da projeção funcional que apresenta o primeiro tipo de adjetivos. Cada uma dessas formas de engendramento básico de adjetivos está associada a diferentes propriedades interpretativas e sintáticas. O estudo das duas origens dos adjetivos é feito pelo autor através de análise comparativa das línguas românicas e germânicas.

Para ser possível entender por que o Cinque foi buscar uma proposta mais complicada e menos intuitiva, vejamos primeiramente o estudo que Cinque fez sobre as possibilidades interpretativas e sintáticas que adjetivos podem exibir nas posições pré- e pós-nominais.

4.1.1 Interpretação sistemática dos adjetivos de acordo com a posição ocupada no sintagma

No que diz respeito às línguas românicas, o autor apresenta o seguinte quadro:

ADJETIVOS PRÉ-N	N	ADJETIVOS PÓS-N
Leitura <i>individual-level</i>		Leituras <i>individual-level</i> ou <i>stage-level</i>
Leitura não-restritiva		Leituras restritiva ou não-restritiva
Leitura modal		Leituras modal ou de relativa

⁵¹ “Adjetivos (mais precisamente APs) entrarão no DP como especificadores de projeções funcionais especializadas na “projeção estendida” do NP ou como uma sentença relativa (reduzida). Embora muitos adjetivos possam acessar as duas fontes, alguns poderão acessar somente uma, o que possibilitará isolar e comparar as diferentes propriedades sintáticas e interpretativas associadas a cada fonte. (tradução nossa)

		implícita
Leitura não-intersectiva		Leituras intersectiva ou não-intersectiva
Leitura absoluta		Leituras relativa ou absoluta
Leitura absoluta de superlativos		Leituras comparativa ou absoluta de superlativos
Leitura específica		Leituras específica ou não-específica
Leitura avaliativa de ‘desconhecido’		Leituras avaliativa ou proposicional de ‘desconhecido’
Leitura dependente do NP (anterior) de ‘diferente’		Leituras dependente do NP ou como anáfora discursiva de ‘diferente’

Quadro 3: Interpretações dadas a adjetivos em posição pré- ou pós-nominal nas línguas românicas (extraído e traduzido de Cinque, 2007, p.33).

Em outras palavras, o que o Quadro 3 está mostrando é que, nas línguas românicas, a leitura pré-nominal também pode ser encontrada no campo pós-nominal⁵². Isto fica mais evidente quando tomamos um adjetivo não-predicativo que possa ocorrer antes ou depois do nome. Nos seguintes exemplos, os adjetivos têm a mesma interpretação preferencial em ambas as posições:

- (171) Esta é a provável causa da sua morte⁵³.
(172) Esta é a causa provável de sua morte.
(173) Este é o principal motivo de sua partida.
(174) Este é o motivo principal de sua partida.

Já para as línguas germânicas, o quadro pertinente é o que segue:

ADJETIVOS PRÉ-N	N	ADJETIVOS PÓS-N
Leituras <i>stage-level</i> ou <i>individual-</i>		Leituras <i>stage-level</i> (ou

⁵² É claro que há adjetivos que nunca terão a mesma interpretação nos dois campos, como *só* e *certa* nos seguintes exemplos:

- (i) a. uma só mulher
b. uma mulher só
(ii) a. uma certa vitória
b. uma vitória certa

Mas, para Cinque, estes adjetivos não são relevantes para a generalização proposta.

⁵³ Todos os exemplos apresentados nas subseções 4.1 e 4.2 são de Cinque, exceto os exemplos (196), (198), (211-213), (224) que foram criados para este trabalho.

<i>level</i>		<i>individual-level</i>
Leituras restritiva ou não-restritiva		Leitura restritiva
Leituras de relativa implícita ou modal		Leitura de sentença relativa implícita
Leituras intersectiva ou não-intersectiva		Leitura intersectiva
Leituras relativa ou absoluta		[não pode ser testado] ⁵⁴
Leituras comparativa ou absoluta de superlativos		[não pode ser testado]
Leituras específica ou não-específica		Leituras específica ou não-específica
Leituras avaliativa ou proposicional de ‘desconhecido’		[não pode ser testado]
Leituras dependente do NP (anterior) ou como anáfora discursiva de ‘diferente’		[não pode ser testado]

Quadro 4: Interpretações dadas a adjetivos em posição pré ou pós-nominal nas línguas germânicas (extraído e traduzido de Cinque, 2007, p.33).

Não traremos dados das línguas germânicas para este trabalho; apresentamos o quadro que Cinque (2007) constrói para as línguas germânicas a fim de tornar mais clara a proposta de Cinque para aproximar as línguas românicas e germânicas.

Cinque não coloca mais do que poucas palavras do que entende por cada uma dessas leituras, mas tentaremos fazer uma descrição, ainda que bastante geral. Abaixo podem ser vistos exemplos do português, baseados nos exemplos do autor para cada uma dessas leituras na língua italiana.

I Leitura *individual-level* / *stage-level*:

Entendem-se adjetivos *individual-level* como aqueles que caracterizam o nome independentemente do momento de enunciação (atemporalmente) e *stage-level* como aqueles que o caracterizam com

⁵⁴ O fato de algumas dessas propriedades não poderem ser testadas na posição pós-nominal de línguas germânicas não é visto como um problema para Cinque, pois esta situação é compatível com a generalização de que a posição pós-nominal nessas línguas é limitada a interpretações disponíveis na posição predicativa de relativas.

limites temporais. Segundo Cinque (2007), os adjetivos que podem ter essas leituras em posição pré-nominal não são ambíguos nas línguas românicas; a única leitura possível é *individual-level*, ao contrário da posição pós-nominal, em que ambas as leituras são possíveis.

- (175) a As invisíveis estrelas de Andromeda estão muitos distantes. (*não-ambígua*)
b ‘As estrelas de Andromeda, que são geralmente invisíveis, estão muito distantes.’ (individual-level)
c # ‘As estrelas de Andromeda, geralmente visíveis, mas que parecem estar invisíveis agora, estão muito distantes.’ (stage-level)
- (176) a As estrelas invisíveis de Andromeda estão muito distantes (*ambígua*)
b ‘As estrelas de Andromeda, que são geralmente invisíveis, estão muito distantes. (individual-level)
c ‘As estrelas de Andromeda, que são geralmente visíveis, mas que parecem estar invisíveis agora, estão muito distantes.’ (stage-level)

II Leitura restritiva / não-restritiva:

Essa distinção diz respeito ao fato de que adjetivos que tenham essas leituras, quando prepostos, só possuem leitura não-restritiva, ou seja, o adjetivo caracteriza o nome, não o limita, enquanto quando pospostos são ambíguos entre a leitura não-restritiva e a restritiva, na qual a extensão do nome é limitada pelo adjetivo.

- (177) a As entediadas aulas de Ferri são recordadas por todos (*não ambígua*)
b ‘Todos se lembram das aulas de Ferri; todas elas eram entediadas’ (não-restritiva)
c # ‘Todos se lembram apenas daquelas aulas do Ferris que eram entediadas’ (restritiva)
- (178) a As aulas entediadas de Ferri são recordadas por todos (*ambígua*)⁵⁵

⁵⁵ Por razões pouco claras, a omissão do genitivo PP *di Ferri* deixa (181a) sem leitura não-restritiva.

- b 'Todos se lembram das aulas de Ferris; todas elas eram entediantes' (não-restritiva)
- c 'Todos se lembram apenas daquelas aulas do Ferris que eram entediantes' (restritiva)

III Leitura modal / relativa implícita

Nesta leitura entram adjetivos como *possível*, *óbvio*, *evidente*, *certo* ou *preciso* que, em posição pré-nominal, estão associados “com a expressão de obrigação, permissão, proibição, necessidade, possibilidade e capacidade”⁵⁶, enquanto em posição pós-nominal, além desta leitura, possuem ainda a leitura de uma oração relativa implícita, ou seja, a sentença subordinada que modifica o nome fica subentendida enquanto oração.

- (179) a Maria entrevistou cada possível candidato (não-ambígua)
 - b 'Maria entrevistou todo candidato em potencial' (leitura modal)
 - c #'Maria entrevistou todo candidato que era possível para ela entrevistar' (relativa implícita)
- (180) a Maria entrevistou cada candidato possível (*ambígua*)
 - b 'Maria entrevistou todo candidato em potencial' (leitura modal)
 - c 'Maria entrevistou todo candidato que era possível para ela entrevistar' (relativa implícita)

IV Leitura intersectiva / não-intersectiva (adverbial)

A leitura não-intersectiva, única leitura disponível em posição pré-nominal, equivale a interpretarmos os adjetivos adverbialmente: frases como (181a) e (182a), quando interpretados como (181b) e (182b), significam que o atacante ataca bem. Na leitura intersectiva, por outro lado, tem-se, conforme expressa o próprio nome, a interpretação que fornece a intersecção de dois grupos; no caso de (182c), tem-se a interpretação que fornece a intersecção do grupo dos atacantes com o grupo dos que têm bom coração.

⁵⁶ Este conceito de modalidade foi extraído de TRASK, 2008, p.194

- (181) a Um bom atacante não faria uma coisa do gênero (*não-ambígua*)
 b ‘Um atacante que joga bem nunca faria tal coisa’(não-intersectiva)
 c ‘#Um atacante de bom coração nunca faria tal coisa’(intersectiva)
- (182) a Um atacante bom não faria coisa do gênero (*ambígua*)
 b ‘Um atacante bom como jogador nunca faria tal coisa’(não-intersectiva)
 c ‘Um atacante de bom coração nunca faria tal coisa’(intersectiva)

V Leitura absoluta / relativa (a uma classe de comparação)

Segundo Cinque (2007), os adjetivos que podem receber estas leituras só possuem leitura absoluta quando em posição pré-nominal, mas são ambíguos na pós-nominal. Essas leituras se diferenciam por grupos de alternativas relevantes que a leitura relativa possui e a absoluta não. A leitura absoluta conserva o emprego do adjetivo sem recorrer a alguma classe de comparação específica; a leitura relativa, por outro lado, requer, em geral, foco, devido à sua natureza comparativa.

Adjetivos que passam a ideia de “escala”, como “grande” em “um avião grande”, podem ser interpretados de modo absoluto, ‘um grande objeto’, ou como relativa para classe de comparação, por conta do nome com o qual ele se combina, ‘grande para um avião’.

- (183) a Os altíssimos edifícios de Nova Iorque impressionam a todos. (*não-ambígua*)
 b ‘Os edifícios de Nova Iorque, que são (objetos) muito altos, impressionam a todos’ (absoluta)
 c ‘#Os edifícios de Nova Iorque, que são muito altos tendo por parâmetro a altura média dos edifícios, impressionam a todos’ (relativa)
- (184) a Os edifícios altíssimos de Nova Iorque impressionam a todos (*ambígua*)
 b ‘Os edifícios de Nova Iorque, que são (objetos) muito altos, impressionam a todos’ (absoluta)

- c 'Os edifícios de Nova Iorque, que são muito altos tendo por parâmetro a altura média dos edifícios, impressionam a todos' (relativa)

VI Leitura comparativa / absoluta de superlativos

Os superlativos recebem as mesmas propriedades que a leitura comparativa/ absoluta para adjetivos escalares recebe: leitura absoluta quando em posição pré-nominal, e ambíguos na posição pós-nominal.

- (185) a Quem escalou a mais alta montanha nevada? (*não-ambígua*)
b Quem escalou a montada mais alta coberta por neve? (isto é, Monte Everest)? (absoluta)
c #Quem escalou a montanha coberta por neve mais alta em relação a outras escaladas? (comparativa)
- (186) a Quem escalou a montanha nevada mais alta? (*ambígua*)
b Quem escalou a montada mais alta coberta por neve? (isto é, Monte Everest)? (absoluta)
c Quem escalou a montanha coberta por neve mais alta em relação a outras escaladas? (comparativa)

VII Leitura específica / não-específica

Neste caso, estamos nos referindo a DPs indefinidos. É essencial dizer que o tipo de contexto em que isso acontece (*realis X irrealis*) está relacionado à posição do adjetivo. Em contextos *realis*, a posição pré-nominal rende um DP indefinido específico.

- (187) a Amanhã, na festa intervirá um famoso ator (*não-ambígua*)
b 'Amanhã, um certo ator famoso fará uma intervenção na festa' (específica)
c '#Amanhã, algum ator famoso fará uma intervenção na festa' (não-específica)

Em (187), implica-se a existência de um ator específico que irá a festa; embora o falante possa ou não saber sua identidade. Já em (188), o que ocorre é diferente:

- (188) a Amanhã, na festa intervirá um ator famoso (*ambígua*)
 b ‘Amanhã, um certo ator famoso fará uma intervenção na festa’ (específica)
 c ‘Amanhã, algum ator famoso fará uma intervenção na festa’ (não-específica)

Neste caso, o DP indefinido pode ser também não-específico.

Já em contexto *irrealis*, modal, um adjetivo pré-nominal não força uma leitura específica de um DP indefinido. Ou seja, (189a) e (189b), ainda que tenham os adjetivos posicionados pré-nominalmente são ambíguas entre a leitura específica e a não-específica, diferentemente de (187a), que só pode ter leitura específica.

- (189) a Se algum dia eu encontrar um famoso ator de Hollywood, pedirei um autógrafa.
 b Qualquer uma gostaria de ser uma famosa estrela de cinema.

Em contextos *realis*, dado que a extração é bloqueada em DPs específicos (devido à condição de especificidade, de Fiengo e Higginbotham (1981⁵⁷), citado por Cinque, 2007), deve haver contraste nos exemplos (190) e (191), e de fato há. A posição pré-nominal força uma interpretação específica do DP indefinido, impedindo a extração de *todos os meus filhos* de *uma pequena foto*.

- (190) a. Só tenho uma foto pequena de todos os meus filhos.
 b. "Todos os meus filhos" tem escopo sobre "uma foto" (diferentes pequenas fotos, uma de cada filho), interpretação que é fruto da extração de "todos os meus filhos" de dentro de "uma foto pequena"
 c. "Uma foto" tem escopo sobre "todos os meus filhos" (uma foto de todos juntos)
- (191) a. Só tenho uma pequena foto de todos os meus filhos.
 b. #"Todos os meus filhos" tem escopo sobre "uma foto" (diferentes pequenas fotos, uma de cada filho)
 c. "Uma foto" tem escopo sobre "todos os meus filhos" (uma foto de todos juntos)

⁵⁷ FIENGO, Robert; HIGGINBOTHAM, James. 1981. Opacity in NP. *Linguistic Analysis* 7, 395-421

VIII Leitura avaliativa / proposicional de “desconhecido”:

Em posição pré-nominal, somente a leitura avaliativa está disponível. Na pós-nominal, junta-se a ela a leitura proposicional (epistêmica). Esta leitura refere-se a DPs indefinidos atributivos.

- (192) a Maria vive num desconhecido vilarejo do sul da França (*não-ambígua*)
b ‘Maria vive em algum vilarejo no sul da França que não é bem conhecido’ (*avaliativa*)
c ‘#Maria vive em algum vilarejo no sul da França, mas não se sabe qual’. (*proposicional*)
- (193) a Maria vive num vilarejo desconhecido do sul da França (*ambígua*)
b ‘Maria vive em algum vilarejo no sul da França que não é bem conhecido’ (*avaliativa*)
c ‘Maria vive em algum vilarejo no sul da França, mas não se sabe qual’. (*proposicional*)

IX Leitura dependente do NP (anterior)/ anáfora discursiva de “diferente”:

O adjetivo que recebe estas leituras só possui leitura dependente do NP anterior quando em posição pré-nominal; na posição pós-nominal, é ambíguo. Essas leituras se diferenciam por *diferente* retomar um NP precedente, no caso da leitura dependente do NP anterior, e por tomar a interpretação de um elemento presente no discurso, no caso da anáfora discursiva.

- (194) a Gianni e Mario vivem em diferentes cidades (*não-ambígua*)
b ‘A cidade que Gianni vive é diferente da cidade que Mario vive’ (*leitura dependente do NP anterior*)
c ‘#Gianni e Mario vivem em cidades que são diferentes de alguma cidade saliente’ (*leitura de anáfora discursiva*)
- (195) a Gianni e Mario vivem em cidades diferentes (*ambígua*)

- b 'A cidade que Gianni vive é diferente da cidade que Mario vive' (*leitura dependente do NP anterior*)
- c 'Gianni e Mario vivem em cidades que são diferentes de alguma cidade saliente' (*leitura de anáfora discursiva*)

Os quadros expostos neste capítulo (em especial o quadro 3, por tratar de propriedades do PB) destacam-se ainda por considerar o fato de um adjetivo poder ter a mesma leitura quando anteposto e quando posposto ao nome.

Para encerrar esta subseção, é importante dizer ainda que os valores de cada posição necessariamente vão juntos, isto é, todas essas propriedades estão associadas; por exemplo, “desconhecido”, quando pré-nominal, tem leitura avaliativa, mas também pode ter leitura individual-level, não-restritiva, específica, etc.

4.1.2 As fontes dos adjetivos

Vistas as possibilidades interpretativas que adjetivos podem ter, já temos condições de entender a sugestão de Cinque (2007). Segundo o autor, adjetivos podem entrar na estrutura de DPs: a) como adjetivos de modificação direta, ou b) como predicados de relativas reduzidas, também chamados adjetivos de modificação indireta (pois não dá pra reduzir uma coisa à outra). O primeiro tipo envolve hospedagem de diferentes classes de APs em especificadores de vários núcleos funcionais da projeção estendida de NP. Já o segundo tipo é gerado acima das projeções que hospedam APs de modificação direta. Os dois tipos de modificação adjetival são gerados no campo pré-nominal, mas cada um deles passa por um tipo diferente de movimento sintagmático, como veremos, para se tornarem pós-nominais.

Nas línguas românicas, o campo pós-nominal pode ter adjetivos de modificação direta e adjetivos de relativa reduzida. Isto condiz com a possibilidade de encontrarmos dois adjetivos aparentemente contraditórios lado a lado, no campo pós-nominal:

(196) O animal pequeno grande fugiu.

A gramaticalidade da sentença não é posta em xeque porque a ordem das duas leituras em posição pós-nominal é estritamente ordenada: o AP mais à esquerda tem a leitura correspondente à posição pré-nominal (nas

línguas românicas) de maneira geral, o que se observa nas línguas românicas é o que mostra (197) abaixo (CINQUE, 2007, p.40-43):

- (197)
- a. *Individual-level* > N > *individual-level* > *stage-level*
 - b. não-restritiva > N > não-restritiva > restritiva
 - c. modal > N > modal > relative implícita
 - d. não-intersectiva > N > não-intersectiva > intersectiva
 - e. absoluta > N > absoluta > relativa (a uma classe de comparação)
 - f. [N absoluta superlativo > comparativo superlativo] (não se aplica)
 - g. [N específico > não-específico] (não se aplica)
 - h. avaliativa > N > avaliativa > proposicional
 - i. dependente do NP anterior > N > dependente do NP anterior > anáfora discursiva

Ilustraremos (197) com o seguinte exemplo:

- (198)
- a. As estrelas visíveis invisíveis
 - b. [?]As estrelas invisíveis visíveis⁵⁸.

O exemplo mostra claramente como adjetivos *individual-level* devem estar mais próximos do nome em português que adjetivos *stage-level*.

Sumarizando (197), se nos referirmos a APs com leitura *individual-level*, não-restritiva, modal, não-intersectiva, absoluta, específica, avaliativa e dependente do NP como “APs de modificação direta”, a ordem de aparecimento desses APs no DP deve ser conforme segue:

- (199) AP modificação direta > N > AP modificação direta >
AP de uma sentença relativa reduzida

Para as línguas germânicas, a ordem seria:

⁵⁸ Podemos imaginar um contexto no qual (198b) seria aceitável: temos estrelas visíveis e invisíveis. As que estão mais próximas são visíveis, e outras, mais distantes, são invisíveis. Dentre as invisíveis, tem algumas que em um observatório, através de um bom telescópio, podem ser vistas. Então aquelas seriam estrelas invisíveis visíveis. Isto, no entanto, não nega a generalização que se está propondo.

- (200) AP de sentença relativa reduzida > AP modificação direta > N
> AP de sentença relativa reduzida

Adjetivos pós-nominais nas línguas germânicas só podem ter como fonte relativas reduzidas, e adjetivos pré-nominais nas línguas românicas só podem ser adjetivos de modificação direta. Isto explica por que adjetivos pré-nominais nas línguas românicas e pós-nominais nas germânicas não são ambíguos.

Cinque defende que cada fonte está associada a uma posição particular na estrutura do DP, e isto nos mostra mais uma impossibilidade para a teoria de movimento de núcleo: não seria possível derivar a generalização que mostramos em (199) e (200) acima por movimento de núcleo. O que Cinque propõe neste trabalho é uma análise que seja compatível com esses dois grupos de línguas. Isto envolve, como veremos, movimento de (sintagmas contendo o) NP.

Cinque observa que há ainda duas propriedades interpretativas que podem se juntar a seus quadros 3 e 4, vistos nas páginas 75, 76 e 77. A primeira é o fato de adjetivos de modificação indireta poderem ser dêiticos (primeiro *Thursday* em 201) e adjetivos de modificação direta poderem ter leitura genérica (segundo *Thursday* em 201). A segunda é o fato de adjetivos de modificação indireta ter interpretação literal (202a), diferentemente dos de modificação direta, que podem ter interpretação idiomática (202b). O exemplo (202a), de uma língua do grupo Bósnio, Croata ou Sérvio, mostra que um adjetivo de forma longa, que podem ser um adjetivo de modificação direta, apresenta leitura idiomática. Já em (202b) o adjetivo de forma curta (que são somente adjetivos de modificação indireta) apresenta leitura literal.

- (201) I missed the THURSDAY Thursday lecture
 /eu perdi a terça terça leitura/
 (eu perdi a leitura de terça da terça)
- (202) a. slijepi miš
 /cego (forma longa) rato/
 ‘morcego’
- b. slijep miš
 /cego (forma curta) rato/
 ‘rato cego’

Em (201), o primeiro modificador é interpretado deiticamente (‘a terça-feira desta semana’), enquanto o Segundo é interpretado genericamente

(‘que geralmente ocorre nas terças’). Essa distinção não pode ser encontrada no português, pois os adjetivos tomam a forma de PPs pós-nominais introduzidos por *de* e acompanhados por artigo definido nos casos genéricos.

Há ainda algumas propriedades sintáticas que acompanham esses grupos de propriedades semânticas:

- a. distância relativa de N: adjetivos de modificação direta estão mais próximos a N do que adjetivos derivados de sentenças relativas.
- b. Ordem rígida e não-rígida: línguas como o chinês têm adjetivos de modificação direta estritamente ordenados. Em inglês, português e italiano, por exemplo, parece que só existe uma ordem preferencial, que seria não-marcada, mas não rígida. É interessante notar que essa ordem não-marcada corresponde à ordem rígida daquelas línguas, por isso Cinque assume que inglês, português, italiano etc também possuem ordem rígida. Retomaremos a questão de ordem rígida/ não rígida no final desta subseção.

Podemos refazer o sumário das propriedades vistas até então com o seguinte quadro, que mostra as propriedades associadas à modificação indireta, em uma coluna, e à direta, em outra:

	Modificação indireta (relativa reduzida)	Modificação direta	
[Det.	[<i>stage-level</i> (ou <i>individual-level</i>)	[<i>individual-level</i>	NP]]]
[Det.	[restritiva	[não-restritiva	NP]]]
[Det.	[relativa implícita	[modal	NP]]]
[Det.	[intersectiva	[não-intersectiva	NP]]]
[Det.	[relativa (a uma classe de comparação)	[absoluta	NP]]]
[Det.	[comparativa (com superlativos)	[absoluta (com superlativos)	NP]]]
[Det.	[específica ou não específica	[específica	NP]]]
[Det.	[proposicional ‘desconhecido’	[avaliativa ‘desconhecido’	NP]]]
[Det.	[dependente do NP	[anáfora discursiva	NP]]]

	‘diferente’	‘diferente’	
[Det.	[dêitico	[genérico	NP]]]
[Det.	[interpretação literal	[interpretação idiomática	NP]]]
		possível	
	Mais distante de N	Mais próximo a N	
	Ordenado não-	Ordenado rigidamente	
	rigidamente		

Quadro 5: Propriedades associadas à modificação direta e à modificação indireta. (extraído e traduzido de Cinque, 2007, p.60)

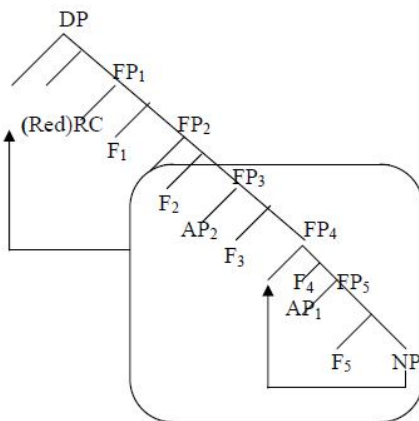
Modificação indireta tem, portanto, valores opostos aos da modificação direta, com duas aparentes exceções: os valores específico/não-específico e *stage-level/ individual-level* parecem não ter exclusividade de fonte. A razão para isto é que a modificação indireta tem a mesma leitura de adjetivos predicativos em sentenças relativas, e estes adjetivos predicativos são compatíveis com ambos os valores de ambas as distinções. Em (203a), a referência pode ser a uma casa específica (leitura específica, ou seja, modificação direta) ou a uma casa qualquer, mas que tenha a propriedade de ser perto (leitura não-específica, ou modificação indireta). Já em (203b), a referência pode ser a um rio atualmente navegável (ou seja, leitura *stage-level*, ou modificação indireta), ou a um rio geralmente navegável, mas talvez não no exato momento (leitura *individual-level*, ou modificação direta).

- (203) a Ele quer queimar uma casa que é próxima.
b Este é o único rio que é navegável.

O quadro 5, que apresenta a ordem de base de adjetivos de modificação direta ou indireta para diversas línguas, segundo a proposta de Cinque, deve conter alguma explicação para os quadros 3 e 4. Somente movimento de sintagmas contendo o NP é capaz de aproximar estes quadros. Para chegarmos à ordem [NP > AP modificação direta > AP relativa reduzida], comum nas línguas românicas, é preciso que o NP mais o domínio da projeção que contém os adjetivos de modificação direta se movam sobre a relativa reduzida, e que haja movimento do NP sobre o(s) adjetivo(s) de modificação direta. Assim entendemos o porquê de adjetivos pós-nominais serem ambíguos nas línguas românicas: podem tanto emergir da fonte de modificação direta (contendo a mesma interpretação disponível na posição pré-nominal) quanto da de modificação indireta (contendo a interpretação que só é

possível no campo pós-nominal). A representação estrutural a seguir, extraída de Cinque (2007, p. 62) pode tornar mais claro o que o autor está propondo:

(204)



O principal argumento a favor desta análise de movimento pode ser construído a partir de uma observação de Greenberg (1963⁵⁹), quando este percebe que nas línguas é possível encontrar no campo pré-nominal somente uma ordem, como (205a) e (205b) mostram, enquanto no pós-nominal há pelo menos duas ordens disponíveis: tanto a mesma ordem pré-nominal, em (205c), quanto a ordem oposta, em (205d):

- (205)
- a. Dem > Num > A > N
 - b. *A > Num > Dem > N
 - c. N > Dem > Num > A
 - d. N > A > Num > Dem

Para adjetivos modificação direta, como tamanho, cor e adjetivos de nacionalidade, também podemos dizer que a posição pré-nominal aceita apenas uma ordem e a pós-nominal aceita pelo menos duas:

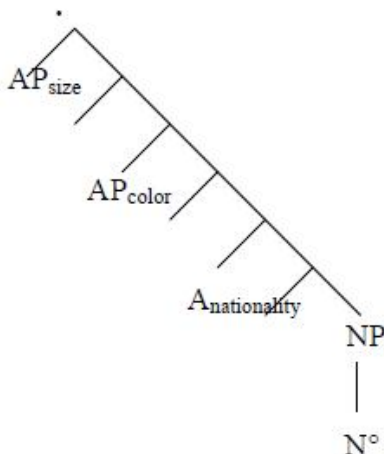
- (206)
- a. A_{tamanho} > A_{cor} > A_{nacionalidade} > N (inglês, chinês...)
 - b. *A_{nacionalidade} > A_{cor} > A_{tamanho} > N (nenhuma)
 - c. N > A_{tamanho} > A_{cor} > A_{nacionalidade} (galês, irlandês)

⁵⁹ Não consta nas referências de Cinque (2007) nem na versão final (2008).

- d. $N > A_{\text{nacionalidade}} > A_{\text{cor}} > A_{\text{tamanho}}$ (português, indonésio, ioruba...)

Cinque (2007) mantém a hipótese de que há uma única ordem básica para todas as línguas. As diferenças de ordem superficial entre elas são em função de tipos de movimento motivados independentemente. A ordem básica é aquela apresentada em (207) abaixo, extraída de Cinque (2007, p. 64):

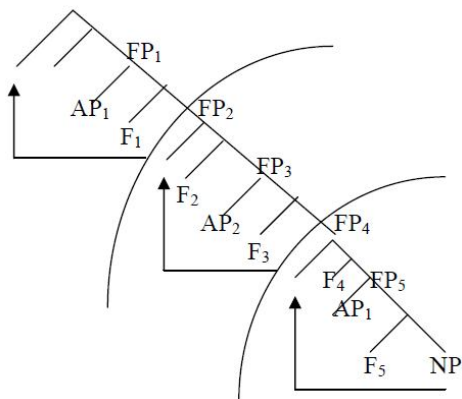
(207)



Examinemos (206) à luz de (207): se o NP não se move, obtém-se (206a). Caso se mova sozinho, a ordem que se superficializa é (206c). Caso se mova e em cada movimento carregue junto (*pied-piping*) o sintagma imediatamente dominante, o resultado é (206d). Desta forma fica clara a impossibilidade de (206b), visto que o NP não se move e os modificadores, que não podem se mover por si mesmo para fornecer a ordem correta.

A representação arbórea em (208), extraída de Cinque (2007, p. 149), ajuda a compreender como deve funcionar o movimento que carrega junto a cada vez a projeção funcional contendo o adjetivo e o NP:

(208)



Este processo de *Pied Piping* é capaz de explicar o efeito espelhado da ordem das línguas românicas e germânicas. O movimento nas línguas românicas deve ser do tipo “roll-up”, isto é, deve haver *pied piping* nas línguas românicas em cada passo da derivação, conforme mostra a figura acima, enquanto nas línguas germânicas este efeito não é atestado.

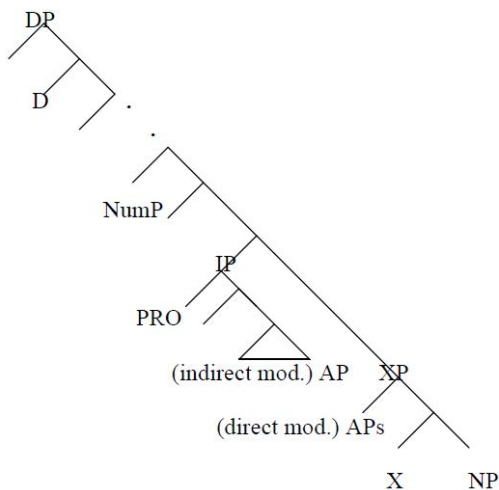
- (209) a. um cão negro enorme
b. an enormous black dog

Voltando à fonte dos adjetivos, Cinque argumenta que adjetivos de modificação direta são elementos funcionais. Como evidência para a natureza funcional desses adjetivos, Cinque coloca que em muitas línguas eles constituem uma classe fechada, como ocorre em várias línguas faladas na Índia, na América e no Pacífico. Mas no inglês, no japonês e em muitas outras línguas das famílias românica, germânica e eslava, esta é uma classe aberta. A diferença, segundo o autor, está nas funções que os adjetivos têm nas línguas; Cinque defende que há duas principais para os adjetivos: como predicado ou como modificador adnominal. Se em uma língua adjetivos se qualificam como predicados, geralmente parecerão ser uma classe aberta, pois predicados tipicamente constituem classes abertas. Se somente se qualificam como modificadores adnominais diretos (deixando com verbos e nomes a

tarefa de expressar predicação adjetival) então eles parecerão ser uma classe fechada.

O autor apresenta também uma análise sintática para os adjetivos de modificação indireta. Lembramos que Cinque toma adjetivos de modificação indireta como originados no campo pré-nominal, com movimento obrigatório do NP sobre eles nas línguas românicas. A posição pré-nominal de adjetivo de modificação indireta é mais alta que as posições que apresentam adjetivos de modificação direta, e mais baixa que a de numerais. Isto sugere a estrutura que segue⁶⁰, extraída de Cinque (2007, p. 125):

(210)



Isso significa que o constituinte formado pelo NP e o(s) adjetivo(s) de modificação direta deve se mover obrigatoriamente sobre o AP de modificação indireta. APs de modificação direta podem preceder ou suceder o nome; caso esses adjetivos sucedam o nome, está implicado que o NP também deve se mover sobre os APs de modificação direta. Vejamos alguns exemplos:

⁶⁰ Para discussão sobre o porquê de PRO na estrutura, ver FANSELOW, Gisbert. 1986. On the Sentential Nature of Prenominal Adjectives in German. *Folia Linguistica* 20, 341-380. Esta discussão é baseada em questões de atribuição de Caso no alemão, segundo reporta Cinque (2007).

Modificação direta:

- (211) a. Pedro é um novo físico (físico há pouco tempo)
b. Um [... [novo (= pouco tempo) [...[físico]]]] → movimento do NP
c. Um [... [novo (= pouco tempo) [físico [... [t]]]]
- (212) a. Pedro é um físico novo (físico há pouco tempo)
b. Um [novo (= pouca idade) [_{XP} novo (= pouco tempo) [... [[físico]]]]].. → movimento do NP
c. Um [novo (=pouca idade) [... [novo (=pouco tempo) [físico]]]] → movimento de NP
d. Um [novo (=pouca idade) [físico [novo (=pouco tempo) [t]]]]

Modificação indireta:

- (213) a. Pedro é um físico novo (físico de pouca idade)
b. Um [novo (= pouca idade) [_{XP} novo (= pouco tempo) [... [[físico]]]]] → movimento do NP
c. Um [novo (=pouca idade) [... [_{XP} novo (=pouco tempo) [físico]]]] → movimento do XP
d. Um [_{XP} novo (=pouco tempo) [físico] [novo (= pouca idade)] [t]]

Os movimentos em alguns casos são obrigatórios e em outros, opcionais. Adjetivos de modificação indireta envolvem movimento obrigatoriamente, mas em que caso o movimento do NP com o AP de modificação direta é obrigatório e em que caso é opcional? Segundo Cinque (2007), em italiano, por exemplo, o NP move-se obrigatoriamente, dentre APs modificação direta, sobre adjetivos classificatórios e adjetivos de proveniência/ nacionalidade, mas parece se mover sobre adjetivos mais altos (cor, forma, tamanho, valor, etc) apenas opcionalmente. O porquê disso não é claro e muda dentre as línguas românicas. Em português, diferentemente do italiano, o nome parece se mover obrigatoriamente sobre adjetivos de cor e forma, mas sobre adjetivo de tamanho ou valor move-se opcionalmente.

Faltou dizermos algo sobre a ordem marcada que alguns adjetivos podem assumir em português. Cinque assume que, em italiano (e podemos estender a observação ao português), há ordem rígida de adjetivos, mesmo que isso seja obscurecido pela existência de adjetivos

que possam ser usados tanto como modificadores diretos quanto como modificadores indiretos. O autor discute alguns casos. Uma de suas observações é que, quando o adjetivo não pode ter uso predicativo (como ocorre com *econômico* no exemplo abaixo), ele só pode ser um modificador direto e deve, portanto, permanecer próximo ao núcleo:

- (214) a. O restabelecimento econômico americano.
b. *O restabelecimento americano econômico.

Por outro lado, quando o adjetivo de modificação direta pode ser usado predicativamente, ele pode acessar a relativa reduzida. Em alguns casos isto leva a mudanças no significado do sintagma.

- (215) a. He is an alleged heavy smoker
/ele é um suposto forte fumante/
b. He is a heavy alleged smoker
/ele é um forte suposto fumante/

Casos mais interessantes ocorrem quando os dois adjetivos são de modificação direta.

- (216) a. minha única divertida amiga
b. minha divertida única amiga

Cinque acredita que nestes casos os adjetivos estão sendo usados como foco, atraindo para perto de si o que está sob seu escopo mais próximo e aparentemente revertendo a ordem não-marcada (que talvez seja a de (216a)).

Um último caso que discutiremos envolve a forma superlativa. Enquanto a ordem não-marcada de adjetivos de forma e cor seria $N > cor > forma$, se o adjetivo de cor estiver na forma superlativa definida, a ordem se reverte:

- (217) a. aquele avião branco comprido
b. ?aquele avião comprido branco
(218) a. aquele avião comprido branquíssimo
b. ?aquele avião branquíssimo comprido

De qualquer forma, ainda é preciso que haja uma investigação mais detalhada do que vem a ser a ordem marcada para ser possível uma discussão consistente desses casos.

4.2 ALGUNS PRÓS E CONTRAS DA HIPÓTESE DE MOVIMENTO DE CONSTITUINTES

A hipótese apresentada neste capítulo mostrou-se mais consistente que as hipóteses apresentadas no capítulo 3 (referentes ao movimento de núcleo), pois esta é capaz de esclarecer problemas que a hipótese de movimento de núcleo continha, (os problemas foram apresentados em 3.3, e as respostas da hipótese de movimento de constituintes podem ser vistas a seguir), e é capaz de responder a certas questões colocadas pelos dados (alguns deles inesperados para a hipótese de movimento de núcleo) apresentados no capítulo 2 (como veremos em 4.3).

Uma destas respostas está relacionada à interpretação que os adjetivos podem ter quando estão antepostos ou pospostos ao nome. Outra resposta que a teoria de movimento de constituintes é capaz de dar está relacionada ao escopo dos adjetivos. A teoria de movimento de núcleo não prevê que um adjetivo pós-nominal possa ter escopo sobre um pré-nominal, mas isto ocorre, conforme mostramos em (154), que repetiremos aqui em (219):

(219) Les [*présumés* [[[*professeurs*] *chinois*] *malhonnêtes*]]

No exemplo acima, *malhonnêtes* tem escopo sobre *chinois*, e *présumés* tem escopo sobre todo o restante do sintagma.

Já a hipótese de movimento de constituintes defende que esta propriedade de escopo não é inesperada pois pode ser derivada da possibilidade de trazer o adjetivo mais baixo junto ao nome em *pied piping* passando sobre o adjetivo mais alto:

- (220) a. É una sicura [giovane promessa]
b. É una [giovane promessa] sicura t.
c. É una giovane promessa sicura.

Cinque hipotetiza que há uma única ordem de base para engendrar adjetivos em todas as línguas. As diferenças superficiais de ordem entre elas são função movimentos motivados independentemente. O movimento nas línguas românicas deve ser do tipo “roll-up”, isto é, deve haver *pied piping* sucessivo do nome e do adjetivo mais próximo.

Há, no entanto, algumas dúvidas que restam desta análise de Cinque. O próprio autor comenta que um de seus revisores o questiona acerca da informação de que todas as propriedades de cada uma das

fontes dos adjetivos estão ligadas. O argumento do revisor é baseado no exemplo (177), retomado aqui como (221), para maior comodidade:

(221) As entediantes aulas de Ferri são recordadas por todos (*leitura não-restritiva, apenas*)

O adjetivo neste exemplo é interpretado com leitura não-restritiva, mas o revisor a considera claramente intersectiva, uma interpretação que, dada toda a discussão precedente, só poderia ocorrer no campo pós-nominal. Cinque assume a dificuldade em explicar o caso. Acrescenta apenas um exemplo em que a leitura não-restritiva e não-intersectiva coocorrem, a fim de defender que as propriedades das fontes são ligadas:

(222) Ontem tive a oportunidade de admirar uma maravilhosa bailarina.

No exemplo acima, o adjetivo está caracterizando o nome, não o limitando, o que nos mostra sua leitura não-restritiva. O adjetivo pode estar sendo interpretado como tendo uma interpretação equivalente a de um advérbio (a bailarina dança maravilhosamente), o que nos mostra a possibilidade de uma leitura não-intersectiva. De qualquer modo, Cinque não deixa uma resposta clara à questão colocada pelo revisor.

Permanece ainda em aberto outra questão: como esta hipótese lidaria com os dados de concordância apresentados em Menuzzi (1994)? Não temos uma resposta à luz da hipótese de movimento de constituintes para apresentar, mas é preciso que se refine mais o entendimento que temos dos dados para chegarmos a uma conclusão. Dizemos isto devido a uma observação que o próprio Menuzzi (1994, p.4-5) faz em nota: a generalização que ele apresenta tem algumas restrições, em especial com adjetivos não-temáticos. Por exemplo, (223) é inaceitável:

(223) *Os competente(s) professor de matemática

É preciso ainda investigar o que ocorre com DPs que apresentam mais de um adjetivo, pois Menuzzi apresentou exemplos de DPs com apenas um adjetivo.

A hipótese apresentada por Menuzzi nos faz pressupor que, em DPs plurais sem determinante explícito, um adjetivo exclusivamente pré-nominal sempre apresentará a marcação de plural. No entanto,

conforme já mostramos na subseção 3.3.2, há adjetivos exclusivamente pré-nominais que parecem mais baixos que adjetivos que podem ser pré- ou pós-nominais. Nestes casos, aparentemente nem todos os adjetivos pré-nominais precisam se flexionar.

(224) Dois mero lance de bola.

Independentemente disto, vemos um problema sério na análise de Menuzzi. Vimos que este autor procura se basear na teoria apresentada por Bernstein (subseção 3.2.1) para explicar as possibilidades de concordância do português não-padrão. Mas, de fato, o que observamos é que Menuzzi adota a hipótese de que há adjetivos que são núcleos de uma forma diferente da de Bernstein. Para Menuzzi, todos os adjetivos pré-nominais atuam como núcleos intervenientes, enquanto para Bernstein são apenas os adjetivos exclusivamente pré-nominais que tem essa propriedade. Neste ponto, podemos dizer que a teoria de Menuzzi aproxima-se mais da de Abney (apresentada e criticada por Bernstein, 1993) que da de Bernstein.

De qualquer modo, é preciso buscar explicação para a concordância no português brasileiro não-padrão com base na teoria de movimento de constituintes, se é que a concordância é um fenômeno completamente sintático. Costa & Figueiredo Silva (2006) aventam a possibilidade de a realização da concordância ser um fenômeno exclusivamente morfológico, mas será preciso investigar ainda como o componente morfológico faz a leitura da representação sintática, já que a hipótese desses autores assume que o campo pré-nominal é lido como um todo e apenas o campo pós-nominal é lido de maneira discreta, item-a-item. Além disso, esses autores não trataram de DPs com múltiplos adjetivos, pré- e pós-nominais, com diferentes interpretações, o que pode imprimir complexidade considerável à questão.

Ainda que nos baseemos em DPs com apenas um adjetivo e adotemos a visão mais tradicional de concordância, encontramos problemas. Parece que adjetivos de modificação indireta devem, de alguma forma, concordar com o nome, enquanto adjetivos de modificação direta devem concordar ou com o nome, se forem pós-nominais, ou com o determinante, caso sejam pré-nominais. Mas uma questão que fica em aberto, e que é primordial, é se a concordância está realmente ligada à fonte dos adjetivos.

4.3 COMPARANDO OS DADOS DO PB COM A HIPÓTESE APRESENTADA EM CINQUE (2007)

Precisamos retomar o teste apresentado no capítulo dois e os resultados de Cinque (2007) à luz da discussão apresentada pelo autor. Procuramos sistematizar, através do quadro 6, a interpretação preferencial que cada um dos adjetivos do teste apresentou em cada uma das posições.

	Pré-nominal	Pós-nominal
Entediante	Não-restritiva	Restritiva
Brilhante	<i>Individual-level</i>	<i>Stage-level/ individual-level</i>
Bom	Não-intersectiva	Não-intersectiva
Audacioso	Não-intersectiva	Não-intersectiva
Pequeno (só)	Específico	Específico
Altíssimos	Absoluta	Relativa
Pequenos	Absoluta	Relativa
Novo	Não-intersectiva	Intersectiva
Mais bonita	Absoluta	Comparativa
Mais alta	Absoluta	Absoluta
Desconhecido	Avaliativa	Avaliativa
Mais complexo	Absoluta	Absoluta

Quadro 6: Leituras preferenciais encontradas dos adjetivos do teste proposto, separadas por posição.

Se analisarmos os quadro 3 (p.75-76) e 6 juntamente, veremos que, a princípio, nenhuma leitura preferencial inesperada foi encontrada. No entanto, se analisarmos com maior atenção os dados encontrados referentes ao campo pré-nominal, veremos que alguns exemplos mostraram leitura, ainda que não preferencial, que só seria possível, segundo Cinque (2007), no campo pós-nominal:

- (225) Os pequenos escorpiões do México são venenosos
- Os escorpiões lá são menores do que os escorpiões do resto do mundo, mas lá só tem escorpião desse tamanho: 63.1%
 - Lá tem escorpiões grandes e pequenos e nós estamos falando só dos pequenos: 31.5%
 - Ambíguo: 5.2%

Em (225), que retoma o exemplo (47a), uma das leituras possíveis é a não-restritiva/ restritiva; a opção pré-nominal, conforme era esperado, foi preferencialmente não-restritiva: 63,1%, um valor aparentemente baixo, visto que de acordo com Cinque não há ambiguidade nesta posição. Observa-se ainda 5,2% de ambiguidade assinalada. Este exemplo apresentou resultados contrastivos com a hipótese apresentada em Cinque.

Outro exemplo que apresentou resultado inesperado foi (52a), retomado no exemplo (226):

- (226) O Grande Colisor de Hadrons foi considerado o mais complexo experimento científico.
- a. O G. C. H. foi considerado o mais complexo em relação a qualquer experimento: 65%
 - b. O G. C. H. foi considerado mais complexo em relação a outros experimentos científicos complexos: 35%

Esta sentença pode ter leitura comparativa ou absoluta de superlativos. As duas posições apresentaram a mesma leitura preferencial: a absoluta. Isto não era inesperado; o que era inesperado era o alto número de interpretações da posição pré-nominal como comparativa (35%).

Vejamos ainda outros casos em que se encontrou leitura não-preferencial numa proporção significativa – os exemplos a seguir retomam os exemplos (44a, 45a, 46a e 51a):

- (227) Um audacioso pintor
- a. Um pintor que é audacioso como pintor: 70%
 - b. Um pintor que também é uma pessoa audaciosa: 20%
 - c. Ambígua: 10%
- (228) Só tenho uma pequena foto de todos os meus filhos.
- a. diferentes pequenas fotos, uma de cada filho: 28,5%
 - b. uma foto de todos juntos: 71,4%
- (229) Os altíssimos edifícios de Nova Iorque impressionam a todos.
- a. ‘Os edifícios de Nova Iorque, que são (objetos) muito altos, impressionam a todos’: 60%
 - b. ‘Os edifícios de Nova Iorque, que são muito altos tendo por parâmetro a altura média dos edifícios, impressionam a todos’: 30%
 - c. ambígua: 10%

- (230) Maria vive num desconhecido vilarejo do sul da França.
a. ...vilarejo que é desconhecido enquanto vilarejo: 70%
b. Vive em um vilarejo e o falante desconhece o nome ou a identidade do vilarejo: 30%

A hipótese de Cinque nos faz esperar que a posição pré-nominal tenha uma interpretação preferencial consistente, mas os exemplos acima tiveram em torno de 30% das respostas assinaladas na opção inesperada, apontada como incorrente por Cinque (2007), um valor considerável, pois se desconsiderarmos estes exemplos para traçarmos a média geral, esta fica em torno de 12%.

Esses exemplos mostraram a possibilidade de outra leitura coocorrendo no campo pré-nominal, ainda que em valores menos representativos do que no campo pós-nominal. Reconhecemos que o teste elaborado não controlou possíveis variáveis e neste momento não somos capazes de apontar quando isto é possível. Esta pesquisa ficará para trabalhos futuros.

Apesar de alguns contra-exemplos mostrando resultados inesperados, de modo geral, podemos dizer que o teste apresentado no capítulo dois mostrou a possibilidade de estender os dados do português à hipótese de Cinque (2007), pois é possível de ser feita a generalização, com base nos dados do teste, que a posição pré-nominal possui uma leitura preferencial clara, e que a posição pós-nominal apresentou um número de ambiguidades consideravelmente maior que a posição pré-nominal. Além do mais, a posição pós-nominal variou a interpretação preferencial entre aquela mesma da posição pré-nominal e outra, exclusiva do campo pós-nominal, o que é esperado pela análise que Cinque (2007) propõe.

5 CONCLUSÕES

Esta dissertação teve por objetivo o estudo das diferenças sintáticas que ocorrem em adjetivos nos campos pré- e pós-nominal.

Os autores que adotam a hipótese de movimento de núcleo, apresentada no capítulo três desta dissertação, assumem todos que adjetivos são gerados pré-nominalmente e que o movimento do nome sobre o adjetivo explica a ordem superficial não-marcada (postposta ao nome).

A dissertação mostrou que a hipótese defendida por Bernstein (1993) dá conta de explicar, por exemplo, o que ocorre em DPs com determinantes pronominais, e Menuzzi (1994) dá conta de explicar fatos de concordância nominal observados na língua falada, mas as teorias desses autores não são capazes de responder por algumas propriedades de escopo de adjetivos vistas neste trabalho, nem de explicar como pode haver sintagmas constituídos por adjetivos que aceitam ambas as posições aparecendo em posições mais altas que adjetivos exclusivamente pré-nominais, vistos por Bernstein como núcleos (esta proposta é para adjetivos da classe de “mero”).

A hipótese defendida por Cinque (1993) e Crisma (1990, 1993, 1996), por outro lado, dá conta de responder pela existência de serializações de diferentes classes de APs. Esses trabalhos defendem, ainda que de uma forma restrita, isto é, somente para nominais eventivos, que a relação entre posição e interpretação é direta. Os autores defendem, portanto, que não há opcionalidade na colocação dos adjetivos: cada classe deve ser atribuída a uma posição fixa na estrutura. Ambos os autores defendem que a ordem relativa dos adjetivos é a mesma em diversas línguas; a diferença estaria na posição de N em relação à sequência de adjetivos.

Há, no entanto, inúmeros problemas que a teoria de movimento de núcleo não é capaz de explicar, dentre eles: (i) a inesperada existência de ordem espelhada em sintagmas das línguas germânicas e românicas, com propriedades de escopo reversas, em alguns casos; (ii) o escopo de pós-nominais; (iii) a impossibilidade de uma teoria de movimento de núcleo criar uma análise unificada para a semântica e a sintaxe de adjetivos pré- e pós-nominais. Por conta desses problemas, não adotamos a hipótese de movimento de núcleo como a melhor opção para o tratamento de adjetivos, e apresentamos no capítulo quatro outra teoria, a de movimento de constituintes, capaz de responder pelos dados do PB e pelos problemas listados acima.

Cinque (2007) sugere que adjetivos são originados ou como modificadores sintagmáticos diretos de núcleos funcionais da projeção estendida de N ou como predicados de relativas reduzidas. Cada uma dessas fontes está associada a diferentes propriedades interpretativas e sintáticas. Ambas são geradas no campo pré-nominal, mas cada uma delas passa por um tipo diferente de movimento sintagmático para se tornarem pós-nominais quando é o caso. Cinque mantém a hipótese de que há uma única ordem de base para todas as línguas. As diferenças de ordem entre elas são função de movimentos motivados independentemente; nas línguas românicas, o movimento deve ser do tipo "roll up", isto é, exige *pied piping* sucessivo do N e o AP que o comanda imediatamente.

A hipótese de movimento de constituintes tem um ponto fraco: não há razão outra para a derivação que Cinque propõe que não seja a derivação das ordens existentes nas línguas românicas e germânicas com as interpretações que as posições exibem.

O que notamos, de modo geral, é que os problemas da hipótese de movimento de núcleo se tornam mais claros em DPs com mais de um adjetivo. Quando o DP é constituído por apenas um adjetivo, a hipótese de movimento de núcleo e a de movimento de constituintes são similarmente vantajosas, pelo menos inicialmente; mas quando o DP é constituído por múltiplos adjetivos, a hipótese de movimento de constituintes se sobressai.

Há pelo menos três questões que permanecem em aberto: Como a hipótese de Cinque (2007) lidaria com os dados de concordância apresentados em Menuzzi (1994)? As propriedades de cada fonte, apresentadas por Cinque, estão de fato ligadas umas às outras? Pode haver ambiguidade na posição pré-nominal? Essas questões serão retomadas em trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS

BERNSTEIN, Judy. *Topics in the syntax of nominal structure across romance*. 1993. PhD Dissertation. CUNY

BORGES NETO, Jose. *Adjetivos: predicados extensionais e predicados intensionais*. Campinas, SP: UNICAMP, c1991. 92p.

CINQUE, Guglielmo. *On the Evidence for Partial N-movement in the Romance DP*. 1993. *University of Venice Working Papers in Linguistics*, 3.2, 21-40. Veneza: Centro Linguistico Interfaculta. Disponível em:

<<http://lear.unive.it/bitstream/10278/508/1/On%20the%20%20Evidence%20for%20Partial%20N-movement%20in%20the%20Romance%20DP.pdf>> Acesso em 18 de maio de 2009.

_____. *The syntax of adjectives: a comparative study*. 2007. Versão sob revisão. Indisponível. <<http://lear.unive.it/bitstream/10278/883/1/volume.intero.pdf>> Nova versão disponível em: <<http://lear.unive.it/handle/10278/1179>>. Acesso em: 19 junho 2009.

COSTA, João; FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina. *Notas sobre a concordância verbal e nominal em português*. 2005. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2006/sistema06/jc,mcfs.pdf>> Acesso em: 26 março de 2009.

CRISMA, Paola. *Functional categories inside the noun phrase: a study on the distribution of nominal modifiers*. 1990. Tese. University of Venice.

_____. On Adjective Placement in Romance and Germanic Event Nominals. In: *Rivista di Grammatica Generativa*, 18:61-100 (1993). Disponível em: <<http://lear.unive.it/handle/10278/410>>. Acesso em: 16 janeiro 2009.

_____. *On the configurational nature of adjectival modification* 1996. In: ZAGONA, K. (ed). *Grammatical Theory and Romance Languages*,

number 133 in *Current Issues in Linguistic Theory*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 1996.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3 Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MENUZZI, Sérgio. Adjectival positions inside DP. In: C.Cremmers & R.Bok-Benema (eds.) *Linguistics in the Netherlands*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1994, p. 127-38.

MIOTO, Carlos; FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina; LOPES, Ruth Elizabeth Vasconcellos. *Novo Manual de Sintaxe*. Florianópolis: Insular, 2004.

NEGRÃO, E. V. ; MÜLLER, Ana Lúcia ; NUNES-PEMBERTON, G. M. Adjetivos no português do Brasil: predicados, argumentos ou quantificadores?. In: Maria Bernadete M. Abaurre; Angela C. S. Rodrigues. (Org.). *Gramática do Português Falado: novos estudos descritivos*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002, v. VIII, p. 317-344.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. 4ed. São Paulo: Ática, 2007.

TRASK, R. L. *Dicionário de Linguagem e Linguística*. Tradução e adaptação Rodolfo Ilari. 2 ed., 1^a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão. *Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.* Nova Ed. Ver. E ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

ANEXO 1 – Template Perini

DET	Num	POSS	Num	REF	Num	Qf	Num	PNE	PNI	NSN	ModI	ModE
os		meus		mesmos					velhos	amigos	queridos	gatos
um		sua						antiga		ataque	cardíaco	fuminante
essa				certos						manja	irritante	
os						únicos			maus	alunos	frios	
aquele								suposto		emprego		
alguns						poucos			bons	amigos		
uns		meu	dois	próprio					filho	gaiteros		
						seis				livros		prosaios
						diversas				vezes		
o						primeiro				dia		
aquele								mero		homem		
uma								meio		limão		
									boa	menina		
									grande	carreira		
								tes		rapazes		
o								simples		imperador	menino	
aqueles		teus						dois		vinhos		franceses
esta				verdadeira						guerra	amada	
										sapatos	infantis	
		meus				muitos				empregos	simples	

ANEXO 2: Teste

Para este teste, conto com a intuição de vocês. É só assinalar a interpretação que acham que a frase tem. Pode ter mais de uma interpretação, então assinalem o que acharem que cabe, ok?

- (1) a. As entediadas aulas de Ferri são recordadas por todos.
() 'Todos se lembram das aulas de Ferri; todas elas eram entediadas'.
() 'Todos se lembram apenas daquelas aulas do Ferri que eram entediadas'.
() outra interpretação:
- b. As aulas entediadas de Ferri são recordadas por todos.
() 'Todos se lembram das aulas de Ferri; todas elas eram entediadas'.
() 'Todos se lembram apenas daquelas aulas do Ferri que eram entediadas'.
() outra:
- (2) a. Seus brilhantes comentários têm auxiliado no rendimento das aulas.
() todos os comentários têm auxiliado, pois todos são brilhantes.
() dentre todos os comentários, apenas aqueles que são brilhantes têm auxiliado.
() outra:
- b. Seus comentários brilhantes têm auxiliado no rendimento das aulas.
() todos os comentários têm auxiliado, pois todos são brilhantes.
() dentre todos os comentários, apenas aqueles que são brilhantes têm auxiliado.
() outra:
- (3) a. Um bom atacante não faria uma coisa do gênero.
() 'Um atacante que joga bem nunca faria tal coisa'.
() 'Um atacante de bom coração nunca faria tal coisa'.
() outra:
- b. Um atacante bom não faria coisa do gênero.
() 'Um atacante que joga bem nunca faria tal coisa'.

- () 'Um atacante de bom coração nunca faria tal coisa'.
() outra:
- (4) a. Um audacioso pintor
() um pintor que é audacioso como pintor
() um pintor que também é uma pessoa audaciosa
() outra:
- b. Um pintor audacioso
() um pintor que é audacioso como pintor
() um pintor que também é uma pessoa audaciosa
() outra:
- (5) a. Os altíssimos edifícios de Nova Iorque impressionam a todos.
() 'Os edifícios de Nova Iorque, que são (objetos) muito altos, impressionam a todos'.
() 'Os edifícios de Nova Iorque, que são muito altos tendo por parâmetro a altura média dos edifícios, impressionam a todos'
() outra:
- b. Os edifícios altíssimos de Nova Iorque impressionam a todos.
() 'Os edifícios de Nova Iorque, que são (objetos) muito altos, impressionam a todos'.
() 'Os edifícios de Nova Iorque, que são muito altos tendo por parâmetro a altura média dos edifícios, impressionam a todos'
() outra:
- (6) a. Os pequenos escorpiões do México são venenosos.
() os escorpiões lá são menores do que os escorpiões do resto do mundo, mas que lá só tem escorpião desse tamanho.
() lá tem escorpiões grandes e pequenos e nós estamos falando só dos pequenos.
() outra:
- b. Os escorpiões pequenos do México são venenosos.
() os escorpiões lá são menores do que os escorpiões do resto do mundo, mas que lá só tem escorpião desse tamanho.
() lá tem escorpiões grandes e pequenos e nós estamos falando só dos pequenos.
() outra:

- (7) a. Quem escalou a mais alta montanha nevada?
() Quem escalou a montanha mais alta coberta por neve? (isto é, Monte Everest)?
() Quem escalou a montanha encoberta por neve mais alta em relação a outras escaladas?
() outra:
- b. Quem escalou a montanha nevada mais alta?
() Quem escalou a montanha mais alta coberta por neve? (isto é, Monte Everest)?
() Quem escalou a montanha encoberta por neve mais alta em relação a outras escaladas?
() outra:
- (8) a. Só tenho uma foto pequena de todos os meus filhos.
() diferentes pequenas fotos, uma de cada filho
() uma foto de todos juntos
() outra:
- b. Só tenho uma pequena foto de todos os meus filhos.
() diferentes pequenas fotos, uma de cada filho
() uma foto de todos juntos
() outra:
- (9) a. Pedro é um físico novo.
() Pedro é um físico de pouca idade.
() Pedro é físico há pouco tempo.
() outra:
- b. Pedro é um novo físico.
() Pedro é um físico de pouca idade.
() Pedro é físico há pouco tempo.
() outra:
- (10) a. Maria vive num desconhecido vilarejo do sul da França.
() Vive em um vilarejo que é desconhecido enquanto vilarejo.
() Vive em um vilarejo e o falante desconhece o nome ou a identidade do vilarejo.
() outra:
- b. Maria vive num vilarejo desconhecido do sul da França.

- () Vive em um vilarejo que é desconhecido enquanto vilarejo.
- () Vive em um vilarejo e o falante desconhece o nome ou a identidade do vilarejo.
- () outra:

(11) a. Qual a camisa da seleção brasileira mais bonita?

- () ‘Dentre as camisas que a seleção tem hoje, qual a mais bonita?’
- () ‘Dentre todas as camisas que a seleção já teve ou tem, qual a mais bonita?’
- () outra:

b. Qual a mais bonita camisa da seleção brasileira?

- () ‘Dentre as camisas que a seleção tem hoje, qual a mais bonita?’
- () ‘Dentre todas as camisas que a seleção já teve ou tem, qual a mais bonita?’
- () outra:

(12) a. O Grande Colisor de Hadrons foi considerado o experimento científico mais complexo.

- () ... mais complexo em relação a qualquer experimento.
- () ... mais complexo em relação a outros experimentos científicos complexos.
- () outra:

b. O Grande Colisor de Hadrons foi considerado o mais complexo experimento científico.

- () ... mais complexo em relação a qualquer experimento.
- () ... mais complexo em relação a outros experimentos científicos complexos.
- () outra: